



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA**

**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA  
PORTUGUESA/LIBRAS/LÍNGUA INGLESA**

**JOSIANE SANTOS DE JESUS**

**OS MECANISMOS DE INTERTEXTUALIDADE EM GÊNEROS DO DOMÍNIO  
JORNALÍSTICO EM MEIO DIGITAL**

Amargosa-Ba

2019

JOSIANE SANTOS DE JESUS

**OS MECANISMOS DE INTERTEXTUALIDADE EM GÊNEROS DO DOMÍNIO  
JORNALÍSTICO EM MEIO DIGITAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como parte das exigências do Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa/Libras/Língua Inglesa para obtenção do título de Licenciada em Letras Língua Portuguesa/Língua Inglesa.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Jaqueline Barreto Lé

Amargosa-Ba

2019



**Ata de Apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso da/o Graduanda/o JOSIANE SANTOS DE JESUS.**

Ao décimo sétimo dia do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, às oito horas, na sala dois dos modulares (NEPEL) do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, reuniram-se o/a Professor/a **JAQUELINE BARRETO LÉ**, na qualidade de orientador/a e Presidente da Banca de TCC, o/a Professor/a **ADRIANA DALLA VECCHIA** e o/a Professor/a **JAKELINE APARECIDA SEMECHECHEM**, como membros da banca, comunidade acadêmica e convidados para apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: *Os mecanismos de intertextualidade em gêneros do domínio jornalístico em meio digital*, de autoria da/o discente **JOSIANE SANTOS DE JESUS**, do Curso de Licenciatura em Letras/Libras/Língua Estrangeira. Após apresentação pela/o autora/o e considerações feitas pela banca, esta se reuniu e deliberou pela aprovação do trabalho, atribuindo-lhe as seguintes notas:

Nota: 9,0 ( nove vírgula zero )

Professor (a): **JAQUELINE BARRETO LÉ**

Assinatura Jaqueline Barreto Lé

Nota: 9,0 ( nove vírgula zero )

Professor (a): **ADRIANA DALLA VECCHIA**

Assinatura Adriana Dalla Vecchia

Nota: 9,0 ( nove vírgula zero )

Professor (a): **JAKELINE APARECIDA SEMECHECHEM**

Assinatura Jakeline Semechechem

A/o discente **JOSIANE SANTOS DE JESUS** foi **APROVADA/O** com a média 9,0  
( nove vírgula zero ).

Amargosa/ BA, 17 de dezembro de 2019

Jaqueline Barreto Lé  
**JAQUELINE BARRETO LÉ**  
Presidente da Banca de TCC

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente à DEUS, pelo privilégio a mim concedido de ingressar em um curso superior, pela presença, pela força e perseverança qual Ele tem me concedido para vencer todos os obstáculos apresentados durante o percorrer desse caminho.

À minha família INÊS DE JESUS, VALDELICE SANTANA pelo grande apoio, sem o qual esse sonho não seria concretizado.

À minha família de coração IRACEMA LIMA, VANUSA LIMA e VALDIRENE PINHEIRO, pela força, apoio e companheirismo, cujo carinho foi crucial no final desse trajeto.

À minha orientadora JAQUELINE BARRETO LÉ, pela simpatia e presteza no auxílio à construção do presente trabalho e pelo aprendizado proporcionado ao me fazer integrante do grupo de pesquisa HIPERJOR, o qual veio a contribuir imensamente a minha formação acadêmica e também pessoal.

Às antigas integrantes do grupo e amigas JULIANE MARQUES, ADRIANA NOVAES e SÍLVIA LETÍCIA SANTANA, pela parceria, pelo apoio e pela presença nos momentos mais importantes da minha vida, apoio esse que foi crucial para que eu viesse a ter forças para chegar até o fim deste curso. E às novas integrantes ANA VITÓRIA e EMANUELE, pelo prazer em conhece-las e pelas trocas que houveram nesse pequeno período.

Aos meus amigos JOSÉ PAULO MOURA e ALAN SOUZA, pelos momentos de descontração e também de seriedade, compartilhados durante o percorrer dessa trajetória.

Ao meu noivo JEÂNDERSON SOUZA, que mesmo aparecendo no final dessa trajetória, foi crucial nos momentos em que o desânimo e a vontade de desistir se apresentava, fazendo-me acreditar na minha capacidade de vencer.

À minha mais que amiga DANILE CARVALHO pela amizade e pelo apoio concedido em todo esse tempo através de orações e companheirismo.

*“Porque Eu, o Senhor teu Deus, te tomo pela tua mão direita. E te digo: não temas. Eu te ajudo.”*

*-Isaías 41:13*

## RESUMO

Ao tomar como pressuposto o que Bakhtin (1929) entende por dialogismo, a intertextualidade se faz presente em todo o texto produzido, pois é um dos critérios de textualidade, isto é, é um critério essencial na constituição textual. Pode ocorrer em sentido estrito ou restrito. E ainda considerando a imensa riqueza que o domínio jornalístico tem de gêneros que amostram esse fenômeno, sobretudo o do meio digital, por ser essencialmente hipertextual, que o trabalho objetiva investigar como a intertextualidade se manifesta nos diferentes gêneros desse domínio. Para a pesquisa, foram tomados quatro desses gêneros, a saber: o tweet, o blog, a enquete e o artigo de opinião, que além de apresentarem como a intertextualidade ocorre, também são caracterizados segundo o seu *conteúdo temático, composição estrutural e estilo*. Para isso, foram analisados 23 textos publicados pelo jornal Folha de São Paulo e O Globo. Baseando-se nos resultados, foi observado que no tweet a intertextualidade se manifestou com mais frequência explicitamente; nas enquetes, implicitamente; nos blogs, explicitamente; e nos artigos de opinião também explicitamente. Concluiu-se que a intertextualidade ocorreu na maioria dos gêneros de forma explícita por tratar-se de gêneros jornalísticos, quais necessitam ganhar credibilidade, e para isso, faz-se necessário que as notícias ocorram com a fonte explicitada.

**Palavras-chave:** Gêneros Digitais Jornalísticos; Hipertexto; Intertextualidade.

## **ABSTRACT**

By assuming what Bakhtin (1929) means dialogism, intertextuality is present in all the text produced, because it is one of the criteria of textuality, that is, it is an essential criterion in the textual constitution. It can occur in a strict or restricted sense. And considering the immense richness that the journalistic domain has of genres that show this phenomenon, especially that of the digital environment, because it is essentially hypertextual, which the work aims to investigate how intertextuality manifests itself in the different genres of this domain. For the research, four of these genres were taken, namely: the tweet, the blog, the poll and the opinion article, which in addition to presenting how intertextuality occurs, are also characterized according to their thematic content, structural composition and style. For this, 23 texts published by the newspaper Folha de São Paulo and O Globo were analyzed. Based on the results, it was observed that in the tweet the intertextuality manifested itself more frequently explicitly; in the polls, implicitly; blogs, explicitly; and in opinion articles also explicitly. It was concluded that intertextuality occurred in most genres explicitly because it is journalistic genres, which need to gain credibility, and for this, it is necessary that the news occurs with the explicit source.

**Keywords:** Digital Journalistic Genres; Hypertext; Intertextuality.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -.....	25
Figura 2-.....	26
Figura 3-.....	27
Figura 4-.....	28
Figura 5-.....	29
Figura 6-.....	30
Figura 7-.....	34
Figura 8-.....	35
Figura 9-.....	45
Figura 10-.....	48
Figura 11-.....	49
Figura 12-.....	57
Figura 13-.....	58
Figura 14-.....	59
Figura 15-.....	59
Figura 16-.....	61
Figura 17-.....	63
Figura 18-.....	68
Figura 19-.....	68
Figura 20-.....	69
Figura 21-.....	70

Figura 22-.....	71
Figura 23-.....	74
Figura 24-.....	73
Figura 25-.....	73
Figura 26-.....	76
Figura 27-.....	77
Figura 28-.....	79
Figura 29-.....	79
Figura 30-.....	81
Figura 31-.....	81
Figura 32-.....	83
Figura 33-.....	83
Figura 34-.....	84
Figura 35-.....	84
Figura 36-.....	85
Figura 37-.....	87
Figura 38-.....	88
Figura 39-.....	89
Figura 40-.....	90
Figura 41-.....	90
Figura 42-.....	93
Figura 43-.....	95

## SUMÁRIO

<b>SUMÁRIO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 VISÃO GERAL DA LINGUÍSTICA TEXTUAL .....</b>	<b>14</b>
3.1.2 A Citação Indireta/Paráfrase .....	26
3.1.3 A Referência E A Alusão.....	27
3.1.4 A Intertextualidade Temática.....	29
3.2 Heterogeneidade Enunciativa .....	31
3.2.1 A Heterogeneidade Mostrada .....	33
3.2.2 A Heterogeneidade Constitutiva .....	37
3.3. A INTERTEXTUALIDADE NO DOMÍNIO JORNALÍSTICO .....	38
<b>4 GÊNEROS DISCURSIVOS E TIPOLOGIAS TEXTUAIS NO AMBIENTE JORNALÍSTICO DIGITAL: MANIFESTAÇÕES DA INTERTEXTUALIDADE.....</b>	<b>43</b>
4.1 OS GÊNEROS DISCURSIVOS EM MEIO DIGITAL .....	50
4.2 OS GÊNEROS DIGITAIS JORNALÍSTICOS .....	53
4.2.1 O Blog Jornalístico .....	55
4.2.2 A Enquete .....	58
4.2.3 O Tweet Jornalístico.....	60
4.2.4 O Artigo De Opinião .....	62
<b>5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>65</b>
5.1 ANÁLISE DE DADOS .....	66
5.1.1 Manifestações Intertextuais No Tweet Jornalístico .....	67
5.1.2 As Manifestações Intertextuais No Gênero Blog.....	72
5.1.3 As Manifestações Intertextuais No Gênero Enquete .....	80

5.1.4 As Manifestações Intertextuais No Gênero Artigo De Opinião.....	85
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>99</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Durante a produção de sentidos, é necessário que se recorra a outros textos para que se possa haver uma complementação da ideia que o determinado texto quer passar, e tomando como pressuposto o que Bakhtin (1929) entendia por dialogismo, entende-se que a intertextualidade se faz presente em todo o texto produzido, só cabendo então ao interlocutor/leitor do texto captar qual intertexto, texto-fonte, se faz presente no texto lido. Como se sabe, o texto é um instrumento de interação social, mas, para que essa interação ocorra, é indispensável que esse receptor capte a fonte desse texto para que ele possa entender o seu sentido, ou seja, a ideia central do texto. E para isso, é indispensável que o mesmo tenha um certo conhecimento tanto de mundo como de leituras. Como afirma Koch (2006), “identificar a presença de outros textos em uma produção escrita depende do conhecimento do leitor e do seu repertório de leitura.” E nos tempos contemporâneos, com os avanços tecnológicos, principalmente com a propagação da internet, áreas como a da comunicação tem se alterado de uma forma bastante significativa, e conseqüentemente, alterando também a área da linguagem. E com isso surgiram novos gêneros emergentes do contexto digital, mas também alteraram outros já existente no meio social, como é o caso dos jornais.

Com o surgimento desses gêneros no contexto digital, jornalistas, colunistas, redatores, e etc. apropriaram-se do domínio eletrônico, para suas publicações, havendo assim uma complementação na divulgação de notícias, textos, e etc. Porém, esses novos gêneros vêm quase que totalmente modificado aos modelos tradicionais desses gêneros, se tornando até muito mais dinâmico, pois contam com uma série de fatores que facilitam tanto a vida dos autores, como também dos leitores, como por exemplo: inserções de vídeos, sons, e principalmente de links, que podem levar a uma grande possibilidade de outras leituras, espaços para comentários dos leitores e etc. E cada um desses gêneros contam com características que os particularizam entre si, um deles é em relação ao tamanho dos textos, isto é, a quantidade de caracteres máximos em cada publicação, podendo esses textos conter a explicitação do(s) texto(s) que o originaram ou a não explicitação desses textos em decorrência desses limites e\ ou até mesmo em relação aos tipos de conteúdo, referentes à temas que podem ser neles publicados.

Então, partindo das noções de intertextualidade encontrados em Koch, Bentes e Cavalcante (2007); Koch e Elias (2006, 2009), são tomados aqui, alguns dos gêneros emergentes do contexto digital (tweet, blog, enquete e artigo de opinião) para a análise da manifestação da intertextualidade, caracterizando esses gêneros segundo seu conteúdo temático, composição estrutural e o seu estilo.

Antes que a referida análise fosse realizada, foram tomadas algumas possíveis hipóteses de como a intertextualidade ocorreria nesses gêneros, a saber: no twitter, pelo fato de se ter uma limitação no número de caracteres, provavelmente a intertextualidade se manifesta de forma implícita, se comparado aos demais gêneros; no blog, provavelmente, há uma maior incidência de intertextualidade explícita, em função da liberdade de caracteres, se comparado aos outros gêneros; já na enquete, por ser um gênero que permite registrar a opinião do público sobre um determinado assunto de forma bastante objetiva, através de perguntas e respostas previamente apresentadas e posteriormente traduzidas em resultados quantitativo, provavelmente a intertextualidade se manifesta de forma implícita, se comparado ao blog e ao artigo de opinião; e no artigo de opinião, por ser um gênero essencialmente argumentativo, no qual o autor expõe claramente a sua posição de algum assunto, provavelmente, se comparado ao twitter e a enquete, a intertextualidade se manifesta de forma explícita.

Portanto, para essa investigação, são tomados como objetivos da pesquisa analisar os diferentes gêneros da esfera jornalístico-digital, buscando perceber, a partir de suas principais características, como se manifesta a intertextualidade. E através desses gêneros, busca-se perceber qual é a relação que a intertextualidade possui com a materialidade discursiva do hipertexto através dos seus links e nós; assim como também distinguir a intertextualidade lato sensu da intertextualidade stricto sensu (AUTIERREVUZ), 1990; 2004; KOCH, 2006, 2009), apontando seus diferentes tipos.

A relevância da pesquisa ocorre pelo fato de a intertextualidade ser um fenômeno recursivo na linguagem humana, identificado em diferentes formas de expressão da linguagem verbal e não verbal, e dentro da Linguística Textual é um fenômeno muito importante, pois é um dos fenômenos de textualização que com suas diversas formas ajudará na construção de novos sentidos do texto, seguindo o pressuposto que Bakhtin (2015[1929]) entendia por dialogismo, qual dizia que todo texto derivava de outros textos anteriormente

produzidos; e este fenômeno está cada vez mais sendo explorado por pesquisadores que estudam justamente os mecanismos de construção de sentido do texto.

Outro motivo que justifica a relevância do tema, é o fato do fenômeno ser analisado em dentro do jornal, pois este se configura em um domínio muito rico em gêneros que mostram a intertextualidade, e no meio digital, pelo fato de estarmos em um mundo totalmente globalizado, no qual é quase inevitável o uso da internet; também por esses gêneros digitais serem uma nova forma de construção de sentido. E aproveitando-se disso, para analisar esse fator de textualidade a partir de um novo fenômeno que é o hipertexto, no qual pelos seus links e nós nos levam também à intertextualidade. Outra questão é o fato de ainda não haver, pelo menos no Brasil, estudos voltados para o assunto, de acordo com pesquisas realizadas nos periódicos do capes, google e demais ferramentas de pesquisas. Mesmo que haja alguns estudos que já se relacionam a intertextualidade com os gêneros digitais, ainda não há estudos diretamente voltado as manifestações de intertextualidades direcionados à comparações de gêneros

Para que se tivesse sucesso na investigação, foi usado como estratégia metodológica pesquisas de cunho bibliográfico e de cunho qualitativo para que após se desse início as coletas do corpus, que foram coletados dos jornais eletrônicos O Globo e o Folha de São Paulo; e posteriormente as coletas, deu-se início a análise do corpus, primeiramente observando como a intertextualidade ocorria nos diferentes gêneros investigados (tweet, Blog, Enquete e Artigo de Opinião); e após, com base nas análises, os gêneros foram caracterizados a partir de um conteúdo temático, composição estrutural e estilo, seguindo a abordagem bakhtiniana de estudos de gêneros.

Dessa forma, o trabalho foi dividido em cinco capítulos, visando explicitar os principais aspectos que garantisse uma maior clareza do tema; portanto, o capítulo primeiro trata-se da introdução da pesquisa, onde procura mostrar de uma forma ampla o que se pretendeu com a pesquisa; o capítulo segundo, que tem como título “visão geral da Linguística Textual” faz uma breve abordagem sobre o percurso da Linguística Textual, a fim de compreender as diversas concepções de texto e os motivos que levaram essas concepções a ampliar-se; o capítulo terceiro, que tem como título “ intertextualidade: aspectos textuais e discursivos” teve como objetivo apresentar o fenômeno da intertextualidade e seus principais tipos, sendo

dividido em dois subcapítulos, nos quais buscam-se abordar sobre as heterogeneidades enunciativas e também sobre a intertextualidade no domínio jornalístico; o capítulo quarto, que tem como título “Gêneros discursivos no ambiente jornalístico digital: manifestações da intertextualidade” busca refletir sobre os gêneros discursivos a partir das noções bakhtiniana e dos alargamentos dessas noções quando esses gêneros passaram a ser veiculados no ambiente digital; também foi dividido em dois subcapítulos buscando abordar sobre as principais peculiaridades dos gêneros jornalísticos ao serem veiculadas nesse ambiente; e por fim o capítulo quinto, qual trata das considerações finais da pesquisa, buscando mostrar os resultados alcançados durante as análises.

## 2 VISÃO GERAL DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

O presente capítulo tem como objetivo fazer um percurso histórico da Linguística Textual, doravante LT, apontando seus precursores e suas contribuições aos estudos textuais ao longo dos tempos. Assim como também refletir sobre as suas fases e suas principais novidades, mostrando as ampliações que o conceito de texto veio recebendo através delas.

Ao longo dos últimos anos, diversos autores se voltaram aos estudos do texto, se propondo a apontar e resolver questões deixadas em aberto por outros estudiosos, ao mesmo tempo também dando as suas respectivas contribuições. E, desta forma, o texto passa a ser objeto de estudos da chamada Linguística de Texto. A Linguística Textual é um ramo da linguística que se debruça nos estudos textuais, que se desenvolveu na Alemanha na década de 60, e teve como principais autores Dressler, Petöfi, Weirinch, Halliday, Van Dijk, Harweg, entre outros autores. E no Brasil, há como principais autores Fávero, Koch e Marcuschi.

Conte (1997 apud Fávero e Koch, 2012) aponta três fases ocorrentes na passagem da teoria da frase à teoria do texto: a análise transfrástica, as gramáticas textuais, as teorias do texto e por fim, a fase bakhtiniana. Os referidos autores observam que não houve uma cronologia durante a passagem dessas fases por não haver sucessão temporal. Porém, Heine, Souza e Sales (2018) refletem que esse fato deve ser analisado, pois ocorreu uma distinção de ordem cronológica durante as primeiras fases.

A primeira fase, a análise transfrástica, partia da frase para o texto, ou seja, o seu objeto de estudo ainda não era o texto, mas sim as sentenças, e tinha como preocupação os estudos interfrásticos, isto é, o estudo entre as frases. Foram apontados como principais fenômenos dessa fase a correferência, a pronominalização, a seleção do artigo definido e indefinido, a ordem das palavras, entre outros.

Como esta fase se debruçava nos estudos das sentenças, nas relações que poderiam ser estabelecidas entre as frases, os estudos então se voltaram para as relações referenciais, principalmente a correferência. O pronome é visto aqui como constituinte de uma sequência de frases em texto, que tinha como principal característica o múltiplo referenciamento. Desta

forma, uma das concepções de texto desse momento é o de Harweg (1968) “cadeia de pronominalizações ininterruptas”.

Desta forma, pode se compreender que o texto era constituído através dos pronomes, neste caso, cada enunciado que compunha o texto era ligado a outro enunciado por meio desses pronomes, que, por sua vez, não tinha simplesmente a função de substituir o nome para que não houvesse repetições. Sendo assim, entende-se que eram eles os principais responsáveis pela continuidade e pela progressão do texto.

Portanto, com tudo isso, percebe-se que os pronomes também eram importantes fenômenos para a construção de um texto coeso, que era uma das grandes preocupações da LT. Assim, o texto cujas partes, isto é, as frases se ligavam de forma harmoniosa contribuía para que o mesmo pudesse ser bem compreendido e interpretado.

Como aponta Bentes (2001), alguns pesquisadores da área começaram a analisar enunciados que se ligavam sem a presença dos conectivos e como isso acontecia. Assim, chegou-se à conclusão de que caberia ao indivíduo captar o sentido do texto lido/ouvido. Desta forma, por perceberem que a construção de sentido do texto não dependia apenas do texto em si, mas também da capacidade do indivíduo, que acabou por surgir uma nova fase, as gramáticas de texto.

As gramáticas textuais constituíram-se o segundo momento da Linguística Textual, e visava “descrever categorias e regras de combinação da entidade T (texto) em L (determinada língua).” (Koch, 2004, p. 5) Ou seja, a função das gramáticas de texto era tentar descrever todos os processos que um texto passava para se constituir em uma determinada língua. Com isso, é possível perceber que as gramáticas textuais não se tratavam de uma gramática normativa, pois não era sua função prescrever normas de construção textual de uma determinada língua. E sim constituam, na verdade, uma gramática descritiva, que como o próprio nome induz, e como já dito no referido texto, tinha como função descrever os mecanismos constituintes do texto de uma língua.

Fávero e Koch (2012) observam que a construção dessas gramáticas foi justificada pelas habilidades que falantes de uma língua possuem. Essas capacidades, que eram de cunho linguístico, permitiam que falantes de uma língua percebessem se o texto era pertencente da sua língua, se estava ou não completo, se estava ou não coerente; assim como também o

falante tem a habilidade de criar um novo texto a partir de outro, de resumir ou parafrasear um dado texto, etc.

Charolles (1989 apud Bentes 2001) postulou que o indivíduo falante de uma língua possui três capacidades textuais básicas: a capacidade formativa, que é a possibilidade que o falante possui de criar novos textos a partir de um texto dado; a capacidade transformativa, que é a capacidade do falante resumir, parafrasear um determinado texto; e por fim, a capacidade qualitativa, que permite que o falante reconheça a tipologia do texto.

Fávero e Koch (2012) atentam sobre três tarefas básicas dessas gramáticas textuais: a primeira delas é observar o que constitui um texto; a segunda tarefa se trata de levantar, caracterizar critérios para a delimitação do texto; e por fim, a última tarefa é diferenciar as diversas espécies de textos.

Com essas afirmações, conclui-se que o objetivo dessas gramáticas era dar conta da constituição do texto de forma universal, o que acabou não sendo possível, pois não há condições de se descrever todos os textos de uma língua, como aponta Bentes (2001). Outro fator que acabou não permitindo que essa fase não tivesse sucesso foi o fato de não levarem em conta que o texto se constrói a partir de um contexto, o que acabou por conduzir a um terceiro momento da LT, as chamadas Teoria do Texto.

Na fase das teorias do texto, inicialmente, durante a chamada Virada Pragmática, o texto deixa de ser considerado apenas na superfície textual para ser considerado também no seu contexto pragmático. Aqui, o texto deixa de ser considerado um “produto acabado”, mas sim um produto inacabado que está sempre em processo, e passando a ser concebido como a “unidade básica de comunicação/interação humana.” (KOCH, 2004, p. 13)

É a partir desta concepção que os indivíduos falantes, locutor e interlocutor, passam a ser considerados na constituição textual. E isto faz com que o texto apenas em sua forma abstrata perca o seu sentido, visto que o texto só se constrói como texto quando se torna funcional no processo de interação humana. Koch (2004, p. 14) afirma sobre essa questão que “Assim, na metade da década de 70, passa a ser desenvolvido um modelo de base que compreendia a língua como uma forma específica de comunicação social, da atividade verbal humana, interconectada com outras atividades (não linguísticas) do ser humano.” (KOCH, 2004, p. 14)

Como pode-se compreender, a língua passa a ser visualizada como um ato/evento comunicativo, que possui relação não apenas com atividades linguísticas, mas também com atividades sociais. Assim, a preocupação da LT neste momento é a de estudar o texto em sua forma concreta, isto é, o texto em uso.

É a partir deste momento que, na construção textual, passa a ser levada em conta a intenção do indivíduo com o texto, seja ele escrito ou falado. Assim como também o indivíduo interlocutor que deveria captar essa intenção do texto, como também o seu sentido através das pistas, ou seja, dos encaminhamentos dados pelo autor.

Como aponta Koch, Bentes e Cavalcante (2012), a constituição do texto considerado em sua forma concreta depende de vários fatores. Assim, nesse momento, foram definidos sete critérios por Beaugrande e Dressler (1981), quais sejam: a coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade.

A coesão é o responsável pela unidade formal do texto, ou seja, tem a ver com como os conceitos são construídos na superfície textual, construindo-se através de mecanismos gramaticais e lexicais. É decorrente da coerência de um texto. E a coerência é a responsável pelo sentido do texto, abrangendo aspectos lógicos, semânticos e cognitivos.

A intencionalidade é a capacidade que um texto possui de alcançar o seu objetivo, a sua finalidade, por meio de recursos linguísticos, já que nenhum texto é neutro; tem a ver com a intenção do autor com uma determinada construção comunicativa, como o próprio nome infere, que caberá ao interlocutor captar.

A aceitabilidade<sup>1</sup> é o fator que tornará um texto aceitável ou não, relacionado com a sua relevância para o interlocutor. Aqui, no âmbito da interação, é necessário que o leitor/ouvinte detenha de conhecimentos prévios para que o texto faça sentido, e assim fazendo-o aceita-lo ou não, como se observa em Koch e Travaglia (2007). Essa é relacionada à intencionalidade, pois enquanto a primeira possui relação diretamente com o locutor, essa possui relação com o interlocutor.

---

<sup>1</sup> Esse conceito foi substituído por "responsividade", por Heine *et al* (2018). E se relaciona com a troca de uma noção sujeito passivo discursivamente para um sujeito ativo, responsável pela construção dos sentidos.

A situacionalidade refere-se à pertinência e a relevância de um texto quanto ao contexto em que ele foi produzido e também produzido. É esse elemento que vai contribuir essencialmente para a construção de sentido texto, pois, se o texto for deslocado do contexto em que for apresentada perderá a significação.

A informatividade, como o próprio nome infere, diz respeito à mensagem do texto, ao grau de informações contida, tem a ver com a medida na qual as ocorrências de um texto são esperadas, ou não, conhecidas ou não. E é esse fator que mostrará a relevância do texto, pois ao produzir um texto com informações que os leitores já possuam não alcançará tanta pertinência.

E, por último, a intertextualidade, critério que é o objeto do presente trabalho que é a relação de um texto com outros textos e acontece quando, ao produzir um texto ocorre um diálogo com outros textos conhecidos anteriormente. De uma maneira ampla, a intertextualidade ocorre quando um texto está inserido dentro de outro texto produzido.

Ainda nas teorias do texto, houve o momento que se denominou Virada Cognitivista. Nesse momento, o texto continua a ser considerado em seu contexto, e a língua como instrumento de interação humana, porém a concepção de texto se alarga, e este passa a ser concebido como “resultado de processos mentais.” (KOCH, 2004, p. 21) Com isso, entende-se que a LT passa a analisar como o texto se processa cognitivamente para que possa ocorrer a construção de sentido. Desta forma, passa a ser levado em conta todo o conhecimento prévio do indivíduo, que quando no ato da comunicação, poderão ser ativados para que o texto possa fazer sentido.

Desta forma, é fácil perceber que o indivíduo interlocutor, no momento da interação, precisa partilhar algum conhecimento sobre o assunto abordado no ato, já que apenas assim o locutor alcançará o seu objetivo comunicacional. Pois, como já abordado no referido texto, todo indivíduo falante tem uma intencionalidade por trás da interação que deverá ser processada pelo ouvinte.

Portanto, para que ocorra o processamento textual, Heinemann e Viehweger (1991 apud Koch, 2004) destacam quatro sistemas do conhecimento que são: o conhecimento linguístico, o enciclopédico, o interacional e o conhecimento ilocucional. O conhecimento linguístico, que é o conhecimento ligados aos conhecimentos gramatical e lexical. É esse

conhecimento que permite que o indivíduo reconheça as palavras, as frases, o seu significado, como elas devem ser organizadas, etc.

O conhecimento enciclopédico, que é o conhecimento de mundo, é todo o saber prévio que o indivíduo possui adquirido através de suas vivências, suas experiências. Koch (2004) apresenta que esse conhecimento se divide em 2 espécies: o declarativo, que são declarações acerca de fatos do mundo, e o episódico, que são adquiridos através da experiência.

O conhecimento interacional, de uma forma ampla, é o conhecimento que permite que o indivíduo identifique a intenção da interação, e também Koch (2004) destaca quatro tipos de conhecimentos dentro deste: o conhecimento ilocucional, o comunicacional, o metacomunicativo, e por fim, o conhecimento superestrutural.

O conhecimento ilocucional, que permite que o indivíduo perceba os objetivos do ato comunicativo; o conhecimento comunicacional, que tem a ver com a quantidade de informações necessárias para que haja a compreensão por parte do interlocutor; o conhecimento metacomunicativo, são articulações como ênfases, que permitem que o locutor garanta a compreensão por parte do interlocutor no ato da interação; e o conhecimento superestrutural, que também é o último sistema de conhecimento, relacionado a modelos textuais, que permite que se reconheça um texto em um determinado gênero.

Como se observa, todos esses conhecimentos são essenciais para que o indivíduo alcance o sentido do texto na interação, mas um desses tipos merece um pouco mais de reflexão, que é o conhecimento enciclopédico. Como já se observou, este tem a ver com todo conhecimento presente na mente do indivíduo, que foi adquirido através das vivências. E é exatamente por este motivo, que ele deve ser refletido, pois cada indivíduo tem experiências diferentes uns dos outros, sendo assim, esse tipo de conhecimento vai variar de pessoa para pessoa. Portanto, apenas um determinado texto pode possuir várias construções de sentidos diferentes, levando em conta que cada indivíduo terá diferentes vivências.

Porém, é necessário salientar que o texto não considerará todo e qualquer sentido, pois, mesmo dependendo desses sistemas de conhecimento para ser processado pelo indivíduo, ele ditará os encaminhamentos que o leitor/ouvinte precisará percorrer para que alcance o seu real objetivo. Por fim, na perspectiva sociocognitiva-interacionista, o indivíduo passa a ser considerado um ser social inserido em um mundo onde os conhecimentos e a

atividade são compartilhados. Assim, como se observa em Koch (2004), os indivíduos passam a ser vistos como atores sociais, e esses atores são constituídos pelas interações sociais.

O indivíduo interlocutor deixa de ser considerado como um ser passivo, já que, durante a interação, ele precisará processar o texto para que dessa forma possa captá-lo e compreendê-lo e assim adota uma atitude responsiva, como afirma Bakhtin (2003). Neste caso, significa dizer que esse indivíduo vai ou não concordar com o assunto tratado na comunicação, fazendo com que ele deixe seu ponto de vista, o que o torna essencialmente um ser ativo. Porém, essa perspectiva, como todas as outras, deixou as suas lacunas em aberto, mas como se percebe, têm sido exaustivos os estudos textuais, e foi dessa maneira que Heine *et al* (2018), após as suas análises, apontam essas lacunas e propõem uma nova fase, que ainda não foi consolidada, mas vem tomando forma na área da Linguística Textual.

A mais nova fase da LT, a chamada fase bakhtiniana, proposta por Heine, é pautada nas ideias de Bakhtin sobre o dialogismo, que conforme apontam Heine *et al* (2018, p. 18), "concebe a linguagem como atividade dialógica, eminentemente social, oriunda das efetivas práticas discursivas, debruçando sobre a linguagem viva, semiótica, munida de entonações histórico-ideológicas."

Desta forma, é em consonância com esta concepção que a fase bakhtiniana se desenvolve dentro da LT, já que a perspectiva sociocognitiva acabou deixando de lado este caráter Histórico-ideológico do indivíduo como também deixou de considerar o signo semiótico como um fenômeno constituinte do texto. É, portanto, a fase bakhtiniana que passa a levar em consideração o fato de que o indivíduo envolvido no discurso tem uma história por trás, isto é, tem vivências, experiências, e está situado em um meio social, um grupo social, o que faz com que esse sujeito tenha uma carga ideológica, não permitindo que seu discurso seja neutro.

Dessa maneira, a interação será baseada no que este indivíduo acredita e no que ele vivenciou e sempre possuirá um objetivo, pois todo e qualquer texto possui um para quê. Ao mesmo tempo em que não concebe o texto apenas pelo código linguístico, mas considera que o texto é munido de outras linguagens, sendo eles imagens, desenhos, etc., no texto escrito; gestos, movimentos, etc., no texto falado.

É levando em consideração esses fatos que a concepção de texto é mais uma vez alargada, passando a ser visto como um fenômeno dialógico, semiótico, falado e escrito, levando em conta tanto o signo verbal como também o signo social, constituído por duas camadas: a linguístico formal e a camada histórico-ideológica, como apontam Heine *et al* (2018). Assim, o texto não se constitui apenas de códigos linguísticos, mas também se constitui pela característica histórico-ideológica, ligado à construção de sentido, já que, como dito no parágrafo acima, o indivíduo faz parte de um grupo social e carrega conhecimento adquiridos pelas suas vivências que serão levados em conta no momento da interação.

No entanto, pelo fato de a linguagem ser vista como uma atividade dialógica, isto é, interacional, este indivíduo não será constituído um sujeito individualmente, mas apenas na relação com o outro indivíduo, já que é um ser social, como observam Heine *et al* (2018). Este sujeito está inserido em uma sociedade, onde interagirá com os demais indivíduos. E essa interação ocorrerá essencialmente por meio da linguagem, que por si só já é social, de acordo com as ideias de bakhtiniana.

Conforme apresentado, observa-se que o conceito de texto veio sofrendo diversas modificações ao longo dos anos de acordo com cada perspectiva em vigor no momento. É importante refletir que esse fato não induz pensar que os momentos e os conceitos anteriores não tenham a sua importância, muito pelo contrário, foi a partir deles que os estudos vieram evoluindo cada vez mais e cada um deles deu a sua contribuição à Linguística Textual.

Como visto também, foi no momento das teorias textuais que o texto deixa de ser visto como uma “entidade abstrata” (KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2012, p. 11), e passa a ser considerado em sua forma concreta, cuja constituição se dá através de uma série de fatores: a coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade. É sobre esse último fator que tratará o capítulo a seguir.

### 3 INTERTEXTUALIDADE: ASPECTOS TEXTUAIS E DISCURSIVOS

Como já apontado anteriormente neste trabalho, Beaugrande e Dressler (1981) definem sete mecanismos que são os responsáveis pela constituição de um texto, ou seja, os mecanismos que fazem com que um texto seja realmente um texto, são os fatores de textualidade. E um desses fatores será a base da presente pesquisa, no caso, a intertextualidade. De uma maneira mais geral, a intertextualidade é um fenômeno linguístico-discursivo no qual se estabelecem relações entre textos, podendo ser ela em âmbito estrito ou restrito, como se observará no segmento do texto.

O termo “intertextualidade” foi usado pela primeira vez pela francesa Julia Kristeva em 1969, reutilizando o que Bakhtin (2005[1929]) entendia por dialogismo, qual todo texto derivava de um texto anteriormente produzido. Para a autora, “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto.” (KRISTEVA, 1967, p. 68)

Nesse caso, nenhum texto se constrói sobre si próprio, ele sempre é criado a partir de fragmentos de outros textos produzidos, construindo-se assim outros sentidos diferentes do(s) texto(s) primeiro(s). É importante salientar que esses fragmentos podem ou não estarem explícitos no novo texto, característica da intertextualidade que será discutida mais à frente nesse estudo.

Essa reutilização do dialogismo feita por Kristeva tem, porém, desagradado alguns pesquisadores, já que, como afirma Fiorin (2006), na obra bakhtiniana não aparecem termos como interdiscurso, intertexto, interdiscursividade, intertextualidade. E também pelo fato do apagamento que ocorre da pessoa-sujeito, como observado pela própria autora: “face a esse dialogismo, a noção de pessoa-sujeito da escritura começa a se esfumar para ceder lugar a uma outra, a da ambivalência da escritura.” (KRISTEVA, 1967, P. 71)

Esse apagamento do sujeito é totalmente refutado por Bezerra (2010), pois, segundo ele, o sujeito é inerente à ação de linguagem para Bakhtin, ocasionando assim uma deturpação do pensamento bakhtiniano. Ele também afirma:

No Brasil, essa “adaptação” vem contribuindo para a deformação do pensamento bakhtiniano em escala temível. Citemos ao menos um exemplo. No livro *intertextualidades* (Belo Horizonte: LÊ, 1995) de G. Paulino, I Walty e M. Z. Cury, lemos: “a intertextualidade foi estudada primeiramente pelo pensador Russo Mikhail Bakhtin” (p. 21). E as autoras citam minha tradução de PPD como fonte bibliográfica. Em que página do livro aparece o termo “intertextualidade”, caríssimas as caras-pálidas, que eu, o tradutor, nunca encontrei? (BEZERRA, 2010, p. XX-XXI)

O autor reprova a troca do termo “dialogismo” por “intertextualidade”, pois como observa-se, essa troca ocasionou a deformidade do pensamento bakhtiniano, visto que também o uso do termo também não engloba toda a complexidade que o termo bakhtiniano possui, já que, como exemplo, foi visto que para que essa adaptação ocorresse foi preciso apagar o sujeito, sujeito este fundamental no discurso, visto que o dialogismo também pode ser entendido como diálogo entre sujeitos.

Seguindo a linha de pensamento de Kristeva, o fenômeno da intertextualidade pode ocorrer de duas formas: em um sentido estrito (*lato sensu*), e em sentido restrito (*stricto sensu*). No sentido estrito, a intertextualidade é a relação que os textos possuem com outro(s) texto(s), é a “condição de existência do próprio discurso” (KOCH, 1991:530). Santos (2010) ainda afirma que a intertextualidade estrita é muito mais do que a relação de um texto com outro texto, ela é a própria cultura. E no sentido restrito, no qual o referido estudo se baseará, a intertextualidade ocorre quando um texto remete a outro efetivamente, ou seja, é necessário a inserção de outro(s) texto(s) no texto produzido, como observa Koch, Bentes e Cavalcante (2012).

Deste modo, a intertextualidade *stricto sensu* pode ocorrer de duas formas: com a explicitação da fonte do intertexto, que é o texto produzido anteriormente (intertextualidade explícita), ou sem a explicitação da fonte (intertextualidade implícita). Essas ocorrências dependerão exclusivamente do propósito comunicacional do produtor do texto.

Quando a explicitação da fonte acontece, a intertextualidade ganha uma função argumentativa, dando credibilidade a sua escrita. Neste caso, o produtor do texto confere ao leitor a possibilidade de verificar a veracidade do que foi escrito por ele, e ao mesmo tempo” chamar a atenção não só para o que foi dito, como também para quem o produziu.” (KOCH e ELIAS, 2009, p. 108).

Ou seja, o autor quando busca explicitar a fonte intertextual quer dar ênfase no que foi colocado por ele e também para o autor da fonte, ocasionando assim, em muitas das vezes, um recurso de segurança para o produtor, já que desta forma, ele fica isento de qualquer responsabilidade posterior. Na maioria das vezes, esse tipo de intertextualidade é marcado por algum recurso tipográfico, facilitando o reconhecimento da ocorrência do fenômeno. São encontrados com bastante ocorrência por exemplo, em jornais, artigos científicos e etc. Serão discutido mais a frente alguns exemplos deste tipo de intertextualidade.

A intertextualidade implícita é um pouco mais complexa, pois, como não há explicitação da fonte, e nem há algum sinal tipográfico para alertá-lo de que há um intertexto, caberá ao leitor recuperá-lo e identificá-lo na memória para que haja a ampliação da construção de sentidos do texto. Portanto, neste caso, o leitor necessitará do conhecimento enciclopédico, isto é, o conhecimento de mundo e ativá-los em sua memória para que o texto faça sentido.

Muitas das vezes, como afirmam Koch e Elias (2009), essa não explicitação da fonte intertextual ocorre pelo fato de o produtor do texto presumir que o seu leitor tenha o intertexto como parte de seu repertório, e se o leitor não tem o conhecimento preciso desse intertexto não será possível que ele faça a construção de sentido de forma eficaz.

Como mostra Santos (2010), Fairchough (2001) usa uma nomenclatura diferente de intertextualidade explícita e intertextualidade implícita. Ele trata da intertextualidade manifesta e da interdiscursividade (intertextualidade constitutiva). A intertextualidade manifesta acontece quando o intertexto está marcado explicitamente dentro do texto; e a intertextualidade constitutiva “está mais ligada à maneira como um tipo de discurso é constituído por meio de uma combinação de elementos” (SANTOS, 2010, p. 23).

Koch e Elias (2009) definem alguns tipos de intertextualidade por copresenças, que são aquelas nas quais percebe-se a presença de intertextos, como a citação direta e indireta, referência e alusão.

### 3.1.1 A citação direta

A citação direta ocorre quando há a reprodução fiel do que foi dito por alguém. Sempre aparece marcada por algum sinal tipográfico como as aspas e o apóstrofo, mas também “é possível encontrar citações sem marcas, quando elas reproduzem, por exemplo, provérbios, frases feitas, ou trechos que se supõem facilmente reconhecíveis.” (Cavalcante *et al.*, 2017, p.111) No entanto, em casos como estes, o uso de marcas não são obrigatórias exatamente pelo fato de o leitor ser capaz de concluir que determinado trecho não é do produtor do texto já que faz parte do seu repertório textual.

A citação direta tem “o propósito argumentativo de fundamentar um ponto de vista.” (KOCH e ELIAS, 2009, p. 47) Ou seja, ela tem a função de dar credibilidade ao que foi dito/escrito. E também para eximir o produtor de qualquer responsabilidade futura, dando a ele um caráter neutro em relação ao texto. Como mostra a Figura 1, postada no twitter do Jornal O Globo em 26/ 05/ 2018, na qual se nota entre apostrofe uma fala direta do autor:

Figura 1



**Fonte:** Twitter Jornal O Globo

### 3.1.2 A Citação Indireta/Paráfrase

A citação indireta ou a paráfrase ocorre quando há uma “adaptação das ideias apresentadas no texto-fonte, ou seja, quando dizemos com nossas palavras ou parafraseamos as ideias.” (KOCH e ELIAS, 2009, p.49) Ou seja, este tipo de intertextualidade ocorre quando não se reproduz fielmente o que foi dito/escrito sem que ocorra mudanças na ideia central do intertexto, e não costuma ser assinalada por marca tipográfica. O que, muitas das vezes, acaba cobrando do leitor a captação da intertextualidade. Mas, como mostram Cavalcante *et al* (2017), algumas paráfrases são assinaladas com algum tipo de marcação, como os verbos *dicendi*, aqueles que são usados para se iniciar um discurso, como os verbos: dizer, afirmar, etc. A nível de ilustração, segue a Figura 2:

Figura 2



**Fonte:** Tweet Folha de São Paulo

### 3.1.3 A Referência E A Alusão

A referência ocorre quando se fazem insinuações a um determinado fato, obra, texto, personagens e etc. de forma direta. Geralmente não são indicadas totalmente aberto no texto, elas aparecem por meios de insinuações diretas, o que de certa forma acabam as explicitando, como no exemplo a seguir, no qual o produtor do texto faz referência no título do texto a uma frase do filósofo grego Jean-Paul Sartre, como apresenta a figura (3):

Figura 3



**Fonte:** Blog Miriam Leitão, do Jornal O Globo

E já a alusão, como afirma Cavalcante *et al* (2017), é também a referência, insinuações a um determinado fato, obra e etc., porém se diferencia da referência apenas pelo fato dessas insinuações ocorrerem de forma sutil, indireta, isto é, de forma implícita, permitindo que não haja a garantia da intertextualidade ser captada, como se observa na figura (4), no qual o produtor do texto alude ao poema de Carlos Drummond de Andrade “No meio do caminho ”:

Figura (4)



(Vida de passarinho, 2: ed. Porto Alegre: L&PM, 1995: p. 47.)

**Fonte:** Figura de Linguagem.com

Ainda para as referidas autoras, “os dois processos caminham juntos, em geral, pois quando se faz referência direta a traços típicos de um texto, também se está aludindo ao texto como um todo, obviamente.” (CAVALCANTE *et al*, p.115) Isso significa dizer que, toda vez que se referencia, como no exemplo, traços de um determinado texto, consecutivamente também se está fazendo uma alusão, isto é, também se está referindo indiretamente ao texto inteiro. Ou quando se faz referência a um personagem de uma determinada obra, acaba ocorrendo também a alusão a obra inteira, por exemplo.

### 3.1.4 A Intertextualidade Temática

Ainda com exemplos de intertextualidade, Koch *et al* (2012) definem mais alguns tipos de intertextualidade que não são por copresença como as citadas anteriormente no texto, entre eles está a intertextualidade temática. A intertextualidade temática ocorre quando há várias abordagens de um mesmo tema, como se observa na figura (5):

Figura 5

**Paredão 3 'BBB 18': Quem você quer que seja eliminado?**

Ana Paula  Família Lima  Paula

**Paredão 11 do BBB: Quem você quer que seja eliminado?**

Breno  Viegas

---

**Paredão 14 do BBB: Quem você quer que seja eliminado?**

Paula  Família Lima

**Fonte:** Enquete do jornal Folha de São Paulo

Esse tipo de intertextualidade é comumente encontrado em textos literários ou não literários cujos assuntos estão contidos em outros textos, como por exemplo entre matérias da mídia em geral de um mesmo dia ou no período em que determinado é focal, entre outros exemplos.

Cavalcante *et al* (2017) ainda abordam sobre o *Détournement*, que é basicamente uma forma mais geral de intertextualidade implícita. Esse tipo ocorre quando um enunciado apresenta marcas linguísticas de uma enunciação proverbial. Isto é, quando o produtor textual

toma algum enunciado proverbial, como por exemplo, um ditado popular, e o modifica, dando um tom diferente, como uma crítica, um humor, um sarcasmo, etc.

Em Cavalcante *et al* (2017) são apontados dois tipos de *Détournement*: o lúdico, que trata de um simples jogo com a sonoridade das palavras; e um militante, que pretende dar autoridade a um enunciado ou ainda destruir a autoridade do provérbio em nome de interesses variados. Grésillon e Maingueneau (1984, *apud* Cavalcante *et al*, 2017) reconhecem que essa distinção coloca problemas de fronteira, mas acreditam que ela tenha um poder operatório.

Já para as referidas autoras, todo e qualquer exemplo de *détournement* é militante em maior ou menor grau, já que ele sempre orientará a construção de novos sentidos pelo interlocutor. Tomando por base a teoria polifônica da enunciação de Ducrot (1980, 1984), Cavalcante *et al* (2017) explicitam as diversas operações de retextualização existentes, exemplificando cada um dos processos, que são: a substituição, o acréscimo, a supressão, e a transposição.

Para ilustração do *Détournement*, segue a figura (6), especificamente por substituição de palavras, que é quando apenas uma palavra no texto é substituída por outra. O referido exemplo faz uma alusão à música composta por Braguinha e Alberto Ribeiro, “Yes, nós temos bananas”, dessa forma, como pode-se observar, a intertextualidade ocorreu pela substituição da palavra “banana” por “pilantra”, o que caracteriza o *Détournement* por substituição de palavra.

Figura 6

*buscar no blog* 

## Yes, nos temos pilantras

23/04/2018 09:00

Pode reparar. Qualquer grande rolo internacional tem sempre um brasileiro. Ontem, o "The New York Times" fez matéria sobre o pernambucano Alexandre Ventura Nogueira. Depois de ser responsável pela venda da maior parte das unidades do Trump Ocean Club International Hotel and Tower, na cidade do Panamá, ele chegou a ser preso em 2009, naquele país, sob acusações de fraude e falsificação.

Compartilhe     Comente 

**Fonte:** Blog Ancelmo Gois, Jornal O Globo

Portanto, conclui-se que a intertextualidade é um dos fenômenos mais importantes, não apenas para a produção textual em si, mas também para a construção do (s) sentido (s) do texto propriamente dito. Pois, como visto, quando o leitor não capta a referência textual, o seu entendimento sobre o texto fica em parte comprometido. Porém, há outros estudos que também tratam sobre a relação entre textos, como o caso da heterogeneidade enunciativa, proposta por Authier-Revuz (2004), como se mostra na seção a seguir.

### 3.2 Heterogeneidade Enunciativa

Os estudos bakhtinianos ao longo do tempo tem sido base para diversos estudos, de diversos campos de estudos, sejam eles linguística, literatura, etc. Como visto na seção anterior, a concepção bakhtiniana sobre o dialogismo foi base dos estudos sobre a intertextualidade, definida pela francesa Júlia Kristeva. Porém, nessa seção é abordado mais um estudo baseado nesta concepção, não apenas no dialogismo, mas também nos estudos sobre a psicanálise: a heterogeneidade enunciativa.

Os estudos sobre a heterogeneidade enunciativa têm relação com a área da Análise do Discurso, e, no referido trabalho, terá como base os estudos da francesa Jacqueline Authier-

Revuz (2004), que busca fazer a relação da linguagem com a sua exterioridade para explicitar a heterogeneidade desse sujeito no discurso.

Para a concepção de heterogeneidade enunciativa, a constituição da linguagem é heterogênea, pois todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos “outros discursos” e pelo “discurso do Outro”. O outro não é um objeto (exterior, do qual se fala), mas uma condição (constitutiva, para que se fale) do discurso de um sujeito falante que não é fonte-primeira desse discurso. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 69)

De forma bastante clara, percebe-se que a linguagem é heterogênea em sua constituição, isto é, nenhum discurso é inaugural, é exclusivo de um sujeito, mas será sempre baseado em outros discursos anteriores que serão retomados, muitas das vezes, inconscientemente para o discurso presente de forma ressignificada.

Em diálogo com esta afirmação está o que diz Pêcheux (1997), “discurso de um outro, colocado em cena pelo sujeito, ou discurso do sujeito se colocando em cena como um outro.” (PÊCHEUX, 1997 p. 316) Ou seja, o sujeito nunca é detentor de suas palavras, embora haja a ilusão do contrário. O que realmente acontece é a recontextualização de um discurso outro que ele traz para o novo discurso de forma a fazer sentido.

A partir dessas afirmações, pode-se observar a grande relação da heterogeneidade enunciativa com a intertextualidade. Como se nota, ambas têm por base a concepção bakhtiniana de dialogismo, qual considerava que todo texto era derivado de um texto anteriormente produzido, considerando que a intertextualidade é a permeação de um texto em outro texto e a heterogeneidade o atravessamento de discursos outros em um discurso.

Authier-Revuz divide a heterogeneidade enunciativa em duas partes: a heterogeneidade mostrada, que pode ocorrer de forma marcada e/ou não marcada, e a heterogeneidade constitutiva.

### 3.2.1 A Heterogeneidade Mostrada

A heterogeneidade mostrada, segundo Authier-Revuz (2004), ocorre quando “no fio do discurso que, real e materialmente, um locutor único produz, um certo número de formas, linguisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso, inscrevem, em sua linearidade, o outro.” (AUTHIER-REVUZ, 2004. p. 12) Ou seja, ela ocorre quando no fio do texto/discurso se percebe a presença do outro. São exemplos os discursos diretos e indiretos, aspas, glosas, discursos indiretos livres, alusões, pastiche e etc.

Como dito, a heterogeneidade mostrada se subdivide entre a forma marcada e a não-marcada. A heterogeneidade mostrada marcada é aquela explícita e recuperável no discurso através de formas linguísticas marcadas. Dos exemplos citados acima, está o discurso direto e indireto, as glosas e as aspas. Pode ser visualizado nesta forma a sua relação com a intertextualidade explícita, que, como já abordado no referido trabalho, é aquela na qual se explicita a fonte do texto qual o produtor se baseou para a constituição do novo texto.

Porém, a heterogeneidade não-marcada ocorre quando a presença do outro não está explícita no fio do discurso, portanto não recuperável, já que não existem marcas que a indique. Dos exemplos acima, estão os discursos indiretos livres, as alusões, o pastiche e etc. Mais uma vez, ocorre a relação com a intertextualidade, porém com a implícita, que ocorre quando o produtor textual não explicita a fonte do texto no qual ele se baseou na nova construção, exigindo do seu leitor o conhecimento de mundo para que, somente assim, a fonte possa ser captada e conseqüentemente, fazendo com que o texto adquira sentido para ele.

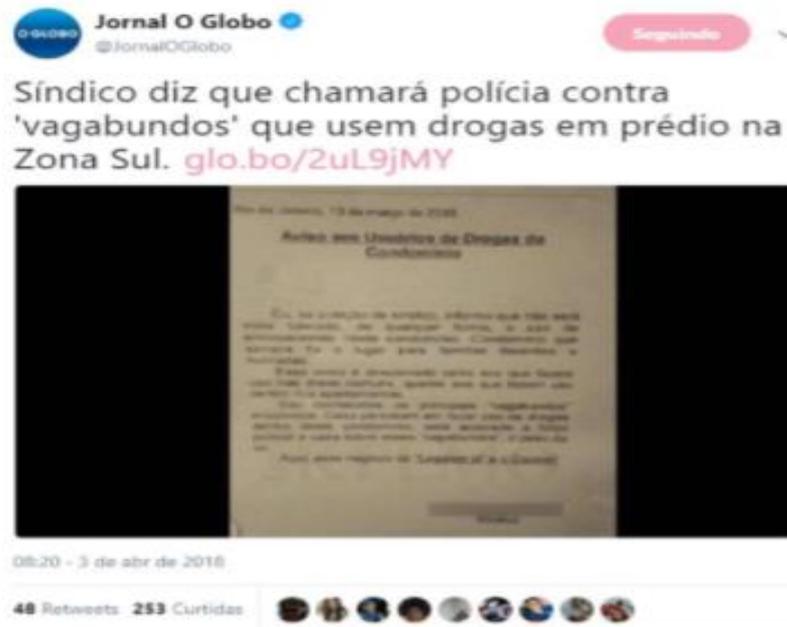
Dentre as formas de heterogeneidade mostrada, Authier-Revuz (2004) ressalta a conotação autonímica, por ser uma das formas mais “complexas”. Segundo a autora “[...] o locutor faz uso de palavras inscritas no fio de seu discurso, sem a ruptura própria à autonímia e, ao mesmo tempo, ele as mostra” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 13) Ou seja, quando o locutor faz uso de suas próprias palavras em um discurso e ao mesmo tempo as explicita, a

sua figura é desdobrada de usuário a observador dessas palavras. E essas palavras são marcadas por algumas formas linguísticas como aspas, o itálico, entonação e etc.

Segundo Kohlrausch (2009), Authier-Revuz (2004), ao refletir sobre a conotação autonímica fala sobre as funções, que são em duas, das aspas, que servem para distanciar as palavras por elas ancoradas em relação ao texto. Dentre essas funções, a primeira se classifica como um recurso de defesa ao produtor do texto. Ou seja, as aspas têm a função de retirar do produtor textual qualquer responsabilidade posterior com o uso das palavras empregadas em seu texto. Portanto, eles podem se valer desses recursos muitas das vezes para criticar, ironizar, defender algo. E a segunda função é de mostrar um discurso que foi deslocado do lugar, por pertencer a um discurso outro.

A referida autora reflete ainda sobre cinco tipos de aspas de conotação autonímica, a saber: as de diferenciação, condescendência, proteção, questionamento ofensivo e ênfase. As aspas de diferenciação são aquelas, segundo a autora, que são utilizadas em neologismos, estrangeirismos, palavras técnicas e familiares, funcionando para afastar as palavras do produtor textual das palavras outras; as de condescendência, segundo Macedo (2016), são utilizadas quando o autor do texto se utiliza de palavras que fazem parte do universo do receptor; as aspas de proteção, são utilizadas quando o autor quer se proteger daquilo que foi dito por ele, isto é, eximindo-o de qualquer responsabilidade futura; já as aspas de questionamento ofensivo são utilizadas quando “o locutor é levado a se expressar por meio de palavras que entende como impostas pelo exterior, o que torna suas palavras interditas.” (MACEDO, 2016, p. 83) E o fim, as aspas de ênfase, que são aquelas utilizadas com o objetivo de enfatizar exatamente o que o autor quis dizer, dessa forma, não caracterizando o afastamento do mesmo. A nível de exemplificar as heterogeneidades, segue a figura (7)

Figura 7



**Fonte:** Twitter Jornal O Globo

Na figura (7) pode-se observar que o produtor do texto faz uma citação indireta sobre a fala do síndico e coloca entre apóstrofes (que no caso, está substituindo as aspas) entre a palavra “vagabundo”, justamente para frisar para o leitor do texto que aquela palavra não é dele, dando para ele uma característica de imparcialidade e também o redimindo de qualquer responsabilidade com o uso da palavra em questão. Neste caso, por se tratar de um discurso indireto, como também reflete Authier-Revuz (2004), o produtor do texto se coloca como um tradutor, isto é, relata o discurso com suas palavras, exceto a palavra ancorada pelo apóstrofo. O que torna ainda mais clara a sua função, pois, sendo um discurso colocado nas próprias palavras do produtor, para que não viesse a causar ofensas, ele optou pelo uso do termo entre os recursos em questão.

Como se percebe, o texto se trata de um tweet postado por um produtor jornalístico, portanto se faz necessário ressaltar que, nesse meio, são bastante comuns os casos como o citado acima. O jornalista utiliza esses recursos para o isentá-lo de qualquer problema que possa ocorrer futuramente com as palavras empregadas em seu texto, dessa forma, as aspas exercem a função de proteção do autor.

Outra função dessas aspas é a de simplesmente demarcar um discurso que foi deslocado de seu lugar. Exemplo delas é quando ocorre a citação direta. O produtor textual, durante a constituição de seu texto, traz discursos outros, de outros lugares de forma direta. Segue como exemplo a figura (8):

Figura 8



**Fonte:** Twitter Jornal O Globo

Na figura (8) o apóstrofo, mais uma vez substituindo as aspas, tem a função simples de demarcar o discurso direto que não é do produtor do texto. Desta forma, deixando claro para o leitor que aquele discurso foi retirado de outro lugar e incorporado ao seu. Neste caso, também fazendo uso da abordagem de Authier-Revuz (2004) sobre o discurso direto, o produtor do texto se coloca apenas como um porta-voz, pois aborda em seu texto as palavras do próprio enunciadador do texto, isto é, as palavras do Outro.

Enfim, a heterogeneidade mostrada é essa que pode ser recuperada no discurso e tem a função de mostrar o sujeito, e inserir o Outro no discurso. Como é perceptível a partir dos exemplos citados, as formas mais claras deste tipo de heterogeneidade são os discursos diretos e indiretos, no caso, os discursos relatados. Portanto, como aponta Authier-Revuz (1990), ela representa os processos de representação da constituição no discurso. Imbricado com ela está

a heterogeneidade constitutiva, que representa os processos de constituição do discurso, que é abordado a seguir.

### 3.2.2 A Heterogeneidade Constitutiva

A heterogeneidade constitutiva, como o próprio nome já induz a pensar, é algo que é constitutiva da língua. Em outras palavras, significa afirmar que sem a heterogeneidade não há discurso, já que ele é constituído através do atravessamento de presenças outras, isto é, outros discursos. E como dito na seção anterior, está lado a lado da heterogeneidade mostrada, como se observa nas próprias palavras da autora:

[...] passando pelo continuum das formas recuperáveis da presença do outro no discurso, chega-se, inevitavelmente, à presença do outro – às palavras dos outros, às outras palavras – em toda parte sempre presentes no discurso, não dependente de uma abordagem linguística (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 21).

Portanto, nenhum discurso é homogêneo, e, ao se recuperar essa heterogeneidade, é que se alcançará a presença do outro nesse discurso. E essa presença não depende de uma abordagem apenas linguística, mas sim também extralinguística, já que nos discursos estão presentes uma série de fatores como a história e a ideologia, como se pode perceber nas palavras da autora: “Nenhuma palavra é “neutra”, mas inevitavelmente “carregada”, “ocupada”, “habitada”, “atravessada” pelos discursos nos quais “viveu sua existência socialmente sustentada”. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27)

Entende-se que durante o ato enunciativo, o sujeito locutor, preenche o seu discurso com discursos baseados em seu meio de convívio e nas crenças, isto é, nas ideologias que esse meio possui. Isto não acontece de forma proposital, e sim inconscientemente, por esse motivo os estudos tem como base, além do dialogismo bakhtiniano, os estudos sobre o inconsciente da psicanálise.

No fio do discurso, não é possível perceber, recuperar a presença da heterogeneidade constitutiva, embora, como dito, ela seja constitutiva de todo e qualquer discurso, do início ao seu fim. Isso acontece pelo fato desse discurso ser constituído pelos discursos apreendidos pelo locutor durante a sua experiência de vida e dentre o seu meio social, trazidos para momento da enunciação de forma inconsciente e recontextualizadas para que possa fazer total

sentido no discurso. Portanto, de forma alguma o interlocutor conseguirá fazer a apreensão desse outro no discurso.

Desta maneira, no discurso, as palavras, o que é dito nunca é exclusivo, próprio do discursante. Para que o discurso seja formado, ele precisa, em algum momento de sua vida, já ter ouvido falar sobre o assunto, pois a linguagem sempre é derivada de um conhecimento anterior.

Para sintetizar, é necessário considerar os enunciados como um composto de vozes, pois, no discurso, essas vozes dialogam com outras vozes, seja para concordar, discordar, refutar, e etc. E essas vozes podem ou não serem percebidas durante o ato enunciativo, o que não se pode perder de vista é que o discurso só se constitui através desses confrontos, pois o texto não é homogêneo.

### 3.3. A INTERTEXTUALIDADE NO DOMÍNIO JORNALÍSTICO

O presente subcapítulo tem como intuito abordar de forma bastante breve alguns aspectos da intertextualidade no ambiente jornalístico, visto que esse domínio é bastante rico em gêneros que mostram esse fenômeno.

Como já visto no presente texto, a intertextualidade se caracteriza pelo entrecruzamento de outros textos, seja para concordar ou para refutar o que foi neles dito. E como afirmou Bakhtin, não existem textos puros e sim textos mesclados com outros. Portanto, nos textos de domínios jornalísticos não são diferentes. Muito pelo contrário, para que eles se tornem críveis, é imprescindível que esses escritos sejam compostos essencialmente por esse fenômeno.

Isso ocorre pelo fato de a base do conteúdo desses textos ser muito intertextual, já que, para a escrita, o autor do texto não vai ter em mãos um texto único, mas a mistura de diversos textos, pois a notícia além de precisar dos fatos, necessita também de informações, de pessoas que tenham autoridade para falar a respeito do fato ocorrido e etc.

Como afirma Fahnestock (1986, *apud* Mota-Roth e Scherer, 2012), “O componente jornalístico/midiático se evidencia na “celebração” daquilo que seria resultado temporário de pesquisa científica como fatos certificados e no posicionamento do público como mero expectador.” (p. 640) Isso significa dizer que, durante a escrita, o texto do ambiente jornalístico sofrerá um cruzamento de diversos textos provindos das pesquisas do editor para a composição das notícias.

Ainda como mostram as autoras:

Sinais da intertextualidade do discurso epidítico, celebratório, assertivo do jornalismo (que “objetivamente relata fatos”, demanda verificação de várias fontes, etc.) com a ciência são: o uso sistemático de citação e relato quase que exclusivamente identificados como posições enunciativas de atores sociais de prestígio científico, como pesquisadores e entidades científicas, e a mitigação de afirmações acerca dos resultados na busca por plausibilidade científica das informações (Motta-Roth e Marcuzzo 2010; Silva 2010) (MOTA-ROTH e SCHERER, 2012, p. 641)

Como fica claro no excerto, a intertextualidade se manifesta no ambiente jornalístico muitas das vezes pelas citações, especialmente as diretas, relatando os fatos ocorridos utilizando reproduções fieis de falas de pessoas que são consideradas como “autoridades” na área. Ou seja, pessoas que tenham o prestígio, autoridade para falar sobre o assunto determinado. Esse tipo de intertextualidade é um dos mais importantes nesse domínio, já que é ele quem vai permitir com que o texto tenha mais credibilidade e ganhe a confiança do seu leitor.

Outro tipo de intertextualidade bastante presente nesse meio é a intertextualidade temática, já apresentada no presente trabalho, caracterizada por um assunto que é colocado em foco durante um período de tempo, levando vários editores a escrever sobre ele ao mesmo tempo. Entretanto, como afirma Dos Santos (2013), outros tipos de intertextualidade podem ser utilizados simultaneamente à esse tipo de intertextualidade.

Faz-se necessário falar também alguns aspectos do ciberjornalismo, que é o jornal circulado no ambiente digital, no ciberespaço. Os textos jornalísticos circulados nesse ambiente são publicados em diversos gêneros desse meio, como no twitter, blogs, dentre outros. E uma das principais características desses é a questão da hiperlinkagem, isto é, a disposição de hiperlinks nas postagens que remetem a leitura de outros textos. Pois, como

afirma Landow (1992, *apud* Dalmaso, 2011), os links são “elementos articuladores da intertextualidade na escrita digital.” (p.2)

Isso está ligado a noção de hipertexto, que se trata de uma espécie de escrita coletiva, ou seja, apresenta textos dentro de outros, combinados com sons e imagens, formando assim, uma grande rede de informações interativas, associado as tecnologias da informação. Para Xavier (2010), o hipertexto é “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade.” Se diferencia na forma de escrita e leitura, pois em um texto tradicional a leitura segue uma linearidade, enquanto no hipertexto ela é não-linear. O termo surge em meados de 1960 por Theodore Nelson para “expressar a ideia de escrita\leitura não linear em um sistema de informática” (LÉVY,1999, p. 29 *apud* CAVALCANTE, 2010, p.199).

Como afirma Cavalcante (2010), “do ponto de vista tecnológico, o percurso desta ferramenta aponta para sua adequação, a partir da otimização dos sistemas criados, visando a acessibilidade de um novo usuário, o doméstico” (CAVALCANTE, 2010, p.200). E partir daí, que quando esses sistemas se tornam mais acessíveis para uma comunidade não especializada, começam a surgir questões referentes à maneira pela qual os blocos informacionais passam a ser disponibilizados a esse público. E quando a tecnologia na internet passa a entrar na rotina social, levando áreas do saber a refletir sobre de que maneiras a informação se apresentava no espaço virtual, que a linguística se volta para seu funcionamento virtual, cuja “materialidade é seu objeto de análise: o(s) texto(s)” (CAVALCANTE, 2010, 201).

Ainda, Cavalcante (2010), Bolter (1991) e Douglas (1998) compreendem o hipertexto como um novo espaço de escrita, a escrita eletrônica viabilizando que a ordenação textual se estruture de maneira variada. E a tessitura textual atua como o diferencial na escrita virtual e o que o individualiza são seus constituintes internos, os nós e os links.

Podemos dizer que os links promovem ligações entre blocos informacionais (outros textos; fragmentos de informação: palavra; parágrafo; endereçamento etc.) conhecidos como nós. No entanto, estes blocos não necessitam estabelecer uma relação sêmica entre si, isto é, as ligações possíveis não formam a tessitura daquele texto específico, mas promovem a abertura para outros textos, mas nunca para qualquer texto. (CAVALCANTE, 2010, p.202)

Portanto, essa afirmação está relacionada a noção de intertextualidade, já que o hipertexto é um sistema essencialmente intertextual devido a essas associações com outros textos, tendo o hiperlink como sua característica definidora, pois esses “promovem ligações entre blocos informacionais (outros textos, fragmentos de informação, palavra, parágrafo, endereçamento etc.) conhecidos como nós.” (CAVALCANTE, 2010, p. 202)

Esses blocos podem ou não abordarem o mesmo assunto, mas devem ter alguma relação com o texto referido; e isso se deve também ao fato da não linearidade do hipertexto, pois, como afirma Xavier (2010), o hipertexto não impõe uma leitura hierárquica como nos textos convencionais, visto que, durante a leitura, ele pode optar por clicar nos hiperlinks, sendo, dessa forma, redirecionado para outra página, outro texto.

No entanto, é bom lembrar que esse leitor não tem uma liberdade plena na escolha de quais caminhos seguir nas suas leituras, já que, esses hiperlinks não são dispostos com neutralidade pelo autor. Ou seja, durante a produção desses textos, o autor colocará a disposição do leitor apenas aquilo que lhe interessa que o mesmo saiba, podendo, muitas das vezes, ser apenas respaldo do seu texto.

Com tudo isso, ao mesmo tempo em que os hiperlinks trazem uma gama de vantagens para o leitor, sendo uma delas uma melhor compreensão do texto lido, pode também trazer algumas desvantagens. Pois, segundo Xavier (2010), a inadequação do uso desses mecanismos pode fazer com que dificulte o entendimento do leitor, já que quebraria a continuidade do fluxo semântico que garante a coerência textual.

Como ainda afirma Cavalcante (2010), Lévy aponta duas perspectivas definidoras do hipertexto: a técnica e a funcional. A perspectiva técnica, segundo o autor, é um conjunto de nós que podem ser palavras, imagens, sons, e etc., que são ligados por conexão. E na perspectiva funcional, “o hipertexto é um tipo de programa para organização de conhecimentos ou dados, visando a aquisição de informações e a comunicação.” (CAVALCANTE, 2010, p. 202)

Como afirmado no referido trabalho, o presente subcapítulo tem como função apresentar de forma bastante breve como o fenômeno da intertextualidade é construída dentro dos textos do domínio jornalístico, assim como também a sua importância para esse meio. E

como essa noção de domínio costuma se confundir com as noções de gêneros e suporte, torna-se relevante, antes de prosseguir, refletir sobre essas noções.

Como aponta Marcuschi (2003), suporte de um gênero é “numa definição sumária, pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto.” (MARCUSCHI, 2003, p. 11) Isto é, o suporte de um gênero é uma espécie de ambiente onde um gênero é materializado. Como ainda afirma o autor, o gênero não é determinado pelo suporte, mas pede um em especial. Ele reflete que essa afirmação merece questionamento, já que existe alguns casos em que o suporte determina a distinção recebida pelo gênero.

São apontadas duas naturezas do suporte: os suportes convencionais e os suportes incidentais. Os suportes convencionais são aqueles ambientes que foram criados com a finalidade de fixarem os textos, como por exemplo, outdoor, folha de papel, etc. Já os suportes incidentais são aqueles ambientes que fixam textos, porém não foram criados para essa finalidade, como por exemplo, tronco de árvores com declarações de amor, barriga de uma mulher grávida com declarações para o bebê, dentre outros exemplos.

Outro aspecto a ser abordado é a noção de domínio discursivo que também está ligado às noções de gêneros e de suporte. Marcuschi (2003) entende domínio discursivo como uma esfera da atividade humana, que indica instâncias discursivas como, discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso acadêmico, etc. Ou seja, domínio jornalístico é a esfera na qual o suporte está agrupado. Nesse caso, o jornalismo (como esfera) é um domínio discursivo; o jornal é claramente o suporte dos textos jornalísticos que, por sua vez, são os gêneros.

Portanto, após a breve distinção dessas noções apontadas por Marcuschi (2003), o próximo capítulo abordará de forma mais detalhada a noção de gênero discursivo desde a sua origem à ampliação desse conceito ao passarem a ser veiculados no meio virtual a partir da inovação das tecnologias, sobretudo as da comunicação.

#### **4 GÊNEROS DISCURSIVOS E TIPOLOGIAS TEXTUAIS NO AMBIENTE JORNALÍSTICO DIGITAL: MANIFESTAÇÕES DA INTERTEXTUALIDADE**

O presente capítulo tem por finalidade tratar sobre como os gêneros discursivos estão dispostos no ambiente jornalístico, mais especificamente, o digital; e como a intertextualidade se manifesta nesse meio para que ocorra a construção de sentido dentro dos textos que circulam nesse domínio. No entanto, antes de mais nada se faz necessário abordar alguns aspectos do que Bakhtin (2003) chamou de gêneros do discurso.

Como mostra Marcuschi (2002), não é possível se comunicar na língua verbalmente se não for por algum gênero e por algum texto. Isso se deve ao fato de o autor considerar a língua não apenas como uma atividade social, mas como uma atividade histórica e cognitiva.

Para Bakhtin (2003), o uso da língua acontece em forma de enunciados escritos ou orais que demonstram as condições de produção e finalidade específica de cada campo da atividade humana. E em cada campo da atividade humana são criadas formas típicas de uso da língua, que correspondem ao que o autor chamou de “tipos relativamente estáveis” de enunciados, que são os gêneros do discurso.

Esses tipos relativamente estáveis são definidos pelo fato de os enunciados de cada campo trazerem algumas características que farão com que os sujeitos identifiquem rapidamente a qual campo eles pertencem, como por exemplo, quando um texto se inicia com “era uma vez”, os sujeitos rapidamente compreende que aquele texto diz respeito a um conto de fadas, ou quando o texto é formado por uma disposição de ingredientes, eles logo reconhecem que o referido texto diz respeito a uma receita, e assim por diante.

Portanto, esses gêneros são estruturas padronizadas, ou seja, são textos escritos ou orais que seguem características comuns em relação à linguagem e ao conteúdo. Marcuschi (2002) diz que são entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. São formas presentes já em povos de cultura essencialmente oral, e passam a se multiplicar com o advento da escrita alfabética por volta do século 7 a. C.

Eles surgem de acordo as necessidades que o ser humano tem de se comunicar e também de interagir uns com os outros. E por isso, se caracterizam como eventos textuais

maleáveis, como também afirma Marcuschi (2002), pois como advém das necessidades sócio-interacional do ser humano, podem sofrer diversas modificações ao longo do tempo, mesmo que muitas das vezes acabem preservando as características dominantes. E por isso são incontáveis. Não se pode numerá-los visto a quantidade já existente, e também os que podem vir a surgir, já que são criados a partir das necessidades dos sujeitos.

Bakhtin (2003) divide os gêneros discursivos em duas grandes esferas devido a extrema heterogeneidade dos mesmos: os gêneros discursivos primários e os gêneros discursivos secundários.

Os gêneros discursivos secundários (complexos-romances, dramas, pesquisas científicas (...), etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) artístico, científico, sócio político, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata. (BAKHTIN, 2003, p. 263)

Como se pode observar, os gêneros primários são aqueles originados na vida cotidiana, por esse fato se caracteriza como gêneros simples, pois não há neles nenhum grau de complexidade. Alguns exemplos que podem ser usados para ilustrar são as cartas pessoais, anotações de agenda, entre outros. Esses gêneros, como o autor trata, são reelaborados a partir dos gêneros secundários, que tem um nível de complexidade elevado, isto é, em ambientes mais formais, já que circulam em meios específicos, isto é, em ambientes mais formais, e nada têm a ver com a vida cotidiana.

Esses gêneros apresentam características sócio comunicativas que são definidas por Bakhtin (2003) por *conteúdo temático*, *estilo* e *construção composicional*, que se interligam na construção do todo do enunciado e são determinados igualmente pelas especificidades de cada campo comunicativo.

Desta maneira, de forma sucinta, o conteúdo temático diz respeito aos assuntos que um determinado texto apresenta; o estilo refere-se aos recursos lexicais, fraseológicos e lexicais do enunciado; e a construção composicional refere-se à estruturação geral interna do enunciado, a disposição formal e linguística. Para ilustração, segue a figura (9), tirado do twitter do jornal O Globo abaixo:

Figura 9



**Fonte:** Twitter Jornal O Globo

No que concerne o conteúdo temático, observa-se que o texto abordou um tema atual da época, retomando-o a partir de um contexto antigo, na minissérie Carga Pesada. O assunto abordado no texto diz respeito à greve dos caminhoneiros, ocorrida em maio de 2018. Em relação ao estilo, percebe-se que o autor do texto utilizou-se de uma escrita mais formal, visto que se trata de um texto jornalístico, o que demanda mais formalidade. E em relação à construção composicional, nota-se que o texto é marcado pela sequência narrativa, visto que está fazendo a narração de um fato. Ainda na estrutura composicional, verifica-se a união de texto verbal e não verbal, bem como a presença de hiperlinks.

Como se nota, a construção composicional estrutura o texto de acordo com as tipologias textuais existentes. E é muito comum na vida cotidiana, especificamente a escolar, haver certos tipos de confusões ao diferenciar tipologias textuais de gêneros discursivos. Muitos ao falar de um quadrinho, por exemplo, o descrevem como um tipo de texto escrito em quadros com disposições de imagens; quando na verdade quadrinho é um gênero que pode conter duas ou mais tipologias textuais. Por esse motivo, se faz necessário no presente trabalho fazer algumas considerações sobre os tipos textuais ou sequências textuais.

De uma forma mais geral, tipo textual diz respeito a constituição estrutural do texto, isto é, a forma pela qual o texto é organizado. Em conformidade com essa breve definição, está Marcuschi (2002):

Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. (Marcuschi, 2002, p. 22)

Como visto, o autor apresenta, mais especificamente, cinco tipos ou sequências textuais que constituem o texto. Vale ressaltar que em um único texto, pertencente a algum gênero textual, tem a predominância de algum desses tipos citados, porém, isso não significa dizer que o referido texto se constituirá única e exclusivamente deste, mas pode ter em sua composição dois ou mais tipos textuais. Um exemplo a ser dado é o gênero bula de um remédio, qual pode ser encontrado tanto a sequência descritiva quanto a sequência injuntiva.

Na construção composicional do texto ocorrerá a narração quando a intenção do autor for apresentar, contar fatos; a argumentação quando a intenção for explicar, comentar, expor o ponto de vista para convencer o leitor a respeito de algum assunto; a exposição quando a intenção for explicar, esclarecer algum assunto de forma mais imparcial, isto é, sem emitir a opinião própria sobre o mesmo; a descrição ocorrerá quando houver a intenção de descrever algo; e por fim, a injunção, que ocorrerá quando a intenção do autor for incitar o autor fazer alguma ação.

Portanto, com tudo isso, se percebe que é um grande equívoco trocar gênero textual por tipo textual. Para salientar essa diferença, Marcuschi (2002) apresenta um quadro sinótico, no qual observa, que os gêneros constituem textos “empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas.” (MARCUSCHI, 2002, p. 23) Ou seja, são textos experienciados nas situações comunicativas adequadas, contrariando os tipos textuais, que não se realizam empiricamente já que são definidos por propriedades linguísticas intrínsecas. Apesar dessas diferenças, é necessário lembrar que ambos, os gêneros e os tipos, são imbricados uns aos outros, desta forma não é possível dissociá-los.

Em se tratando de gêneros discursivos e tipologias textuais, Cavalcante *et al* ( 2017) apontam dois tipos de intertextualidade que fazem relação com essas noções, que é a intertextualidade intergenérica e a intertextualidade tipológica. De uma forma mais geral, a

intertextualidade intergenérica ocorre quando há uma mistura entre os gêneros, isto é, quando um gênero está no formato de outro, sendo que a função principal é a do gênero originário. Ao produzir a intergenerecidade, o autor tem o objetivo de produzir determinado efeito de sentido, porém, para tanto, o produtor do texto conta com o conhecimento prévio dos seus ouvintes/leitores a respeito dos gêneros em questão. Essa conformidade com essa afirmação, Koch e Elias (2009) conceituam a intergenerecidade como “fenômeno segundo o qual um gênero pode assumir a forma de um outro gênero, tendo em vista o propósito de comunicação.” (KOCH e ELIAS, 2009, p. 114)

As referidas autoras refletem que os exemplares de cada gênero se relacionam em si em relação à forma composicional, ao conteúdo temático e ao estilo, permitindo que o falante construa um modelo cognitivo de contexto dado a sua familiaridade com elas, que lhe permita reconhecer e saber quando deve usar cada um de forma adequada. Esses modelos são usados para monitorar os eventos comunicativo, sendo eles que representam as intenções, perspectivas, opiniões e etc. dos interlocutores sobre a interação em curso ou sobre o texto que está sendo lido ou escrito, como também as propriedades do contexto, como de lugar, tempo, etc. e outros fatores que possam ser relevantes para a realização do discurso. E também encerram todo o conhecimento sócio-interacional mobilizado nos diversos contextos interacionais. Enfim, elas têm um papel crucial na produção e compreensão dos textos.

Um exemplo desse tipo de intertextualidade é quando uma propaganda aparece na forma de um telegrama. Ou formas como na figura (10):

Figura 10



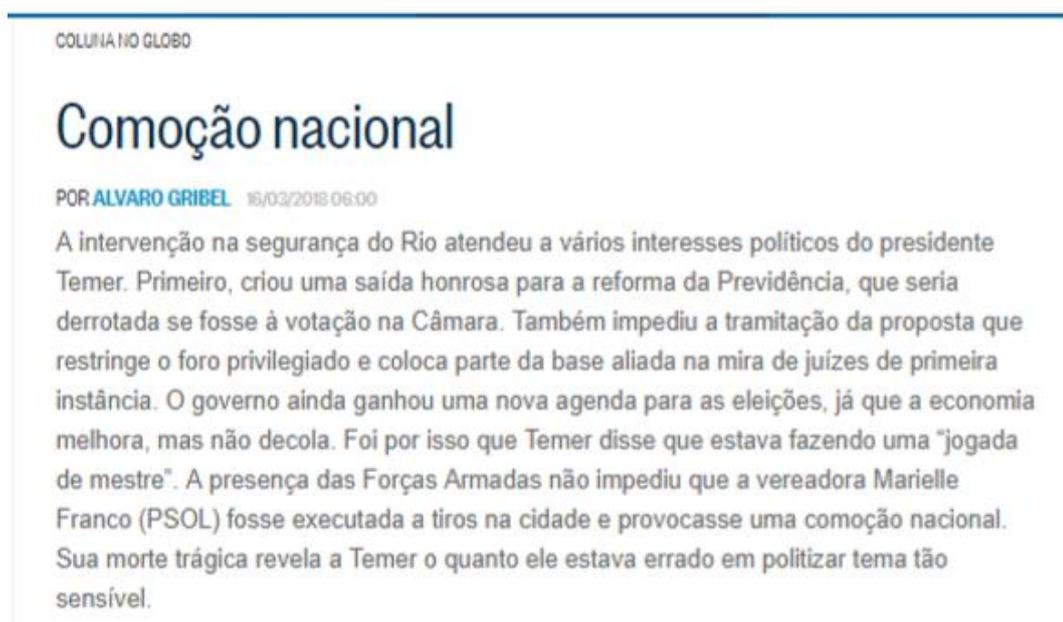
**Fonte: Mundo educação**

Como mostra a imagem acima, que diz respeito a uma campanha publicitária contra o cigarro, pode ser observado a fusão entre dois gêneros discursivos, que é o gênero anúncio publicitário e o gênero charge. Porém, é também notável que o gênero principal diz respeito ao anúncio, e a charge trata-se de um complemento para a publicidade.

Já a intertextualidade tipológica ou heterogeneidade tipológica, ocorre quando há ocorrência de mais de um tipo textual dentro de um mesmo texto. Cavalcante et al (2017), afirmam que o mesmo decorre do fato de se poder reconhecer, entre determinados tipos textuais (expositivos, narrativos, argumentativos, etc.), um conjunto de características comuns entre eles e dessa forma, juntá-los em uma determinada classe. Beaugrande e Dressler (1981, apud Cavalcante et al, 2017) afirmam que “é pela comparação dos textos a que se acham

expostos os falantes, no meio em que vivem e pela subsequente representação na memória de tais características, que eles constroem modelos mentais tipológicos específicos”. (CAVALCANTE *et al*, 2017, p. 76) Isso se caracteriza pelo que Van Dijk chama de superestruturas, as quais, possibilitam construir e reconhecer os diversos tipos sequenciais. As mais frequentemente estudadas são a narrativa, descritiva, injuntiva, expositiva, preditiva, explicativa e argumentativa. A título de exemplo, segue a figura (11):

Figura 11



**Fonte:** Blog Alvaro Gribel, do Jornal O Globo

No exemplo citado, é possível notar a intertextualidade tipológica de ordem do expor, caracterizado pela apresentação dos interesses políticos do ex-presidente Temer em relação a intervenção na segurança do Rio de Janeiro, como em “Primeiro, criou uma saída honrosa (...)”; e da sequência tipológica da ordem do narrar, exposto pelo relato nas apresentações.

Portanto, como já explicitado no presente trabalho, é ilimitada a quantidade de gêneros existentes na língua, já que eles se originam das necessidades sócio-comunicativas dos sujeitos. Portanto, por esse motivo com o advento das novas tecnologias, foram surgindo ainda mais gêneros, e muitos desses se tratam apenas de uma transmutação dos gêneros

escritos. Ou seja, alguns gêneros escritos passaram a ser veiculados no ambiente digital, porém com uma nova roupagem, isto é, novas características, e é sobre isso que o presente trabalho tratará na próxima subseção.

#### 4.1 OS GÊNEROS DISCURSIVOS EM MEIO DIGITAL

Como visto anteriormente, os gêneros vão surgindo de acordo as necessidades humanas e é por esse mesmo motivo, que com a globalização e a evolução da internet, foram surgindo novos gêneros, dessa vez, no domínio digital; sendo o que os possibilitam serem classificados como tal, o fato de seus usos cada vez mais generalizados, e por apresentarem peculiaridades formais próprias e também, por de certa forma, mudar a nossa relação com a oralidade e a escrita. Mas essa evolução da tecnologia e o uso generalizado não possibilitou apenas o surgimento de outros gêneros, mas também a alteração de alguns já existentes.

De uma forma geral, os gêneros do domínio digital são formações discursivas veiculadas no ambiente cibernético, muitos deles são apenas releituras, transmutações de gêneros que já eram utilizados, sendo reestruturados de acordo com o mundo virtual. Em conformidade com a definição de gêneros digitais, Machado (2002) afirma que são:

Formas comunicativas processadas digitalmente ou pela via on-line, isto é, pela conexão e estrutura de rede de computadores. Trata-se de formas arquitetônicas cujas estruturas são modelizadas por linguagens artificiais, criadas pela engenharia digital, para combinação e reprocessamento de sistemas de escrita e de gêneros literários, discursivos. (MACHADO, 2002, p.8)

Como se nota, a autora reflete e como já citado anteriormente, os gêneros digitais foram reprocessados dos sistemas discursivos existentes, isto é, foram remodelados para o meio virtual de acordo com as necessidades comunicativas dos sujeitos. Alguns exemplos de gêneros remodelados a serem citados são o e-mail, que é uma releitura da carta e os blogs, que são releituras dos diários pessoais e agendas. É bom lembrar que alguns gêneros discursivos acabam caindo em desuso após ser transmutado para o meio virtual, que pode ser ilustrado por um dos exemplos citados acima, com a carta, que acabou caindo em desuso após o surgimento do e-mail, já que mesmo com a diminuição do uso de agendas pessoais são ainda muitas as pessoas que as utilizam no seu dia a dia.

Como lembra Marcuschi (2010), esses gêneros provocaram grandes impactos na linguagem e na vida social, visto que surgiu a partir delas novas formas de comportamentos, principalmente linguísticos, justificadas principalmente pela economia da escrita. Como tem se notado nos últimos anos, os textos virtuais são marcados muitas das vezes por abreviações de palavras, emoticons e figuras em substituição de palavras. É certo que esse fato não ocorre em qualquer texto virtual, mas são traços característicos de textos que circulam por exemplo nas redes sociais. Em conformidade com essas afirmações, Crystal (2005) já falava sobre uma “revolução” linguística provindos da comunicação via Internet:

E surge também um novo tipo de comunicação via Internet que não é nem linguagem escrita, nem a linguagem falada, e que subleva as regras do mundo da escrita, usando abreviaturas de palavras e vários recursos gráficos para tornar vivo e falado o que está escrito na tela do computador. (Crystal, 2005, p. 8-9)

Condizente com isso, Marcuschi (2010) ainda afirma que, “em certo sentido, pode-se dizer que, na atual sociedade da informação, a Internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo.” (MARCUSCHI, 2010, p. 16) É importante lembrar, que quando os autores produziram esses textos, essas formas de comportamentos comunicacionais não eram tão marcadas quanto é atualmente, visto que muitos gêneros provenientes das redes sociais ainda não haviam sido criados.

Esses gêneros são formados por algumas características peculiares, como a questão do hibridismo, pelo fato de muitas das vezes mesclar traços da oralidade com a escrita. Ainda por reunir diversos tipos de linguagem em um só texto, como imagens, sons, vídeos, e etc. Marcuschi (2010) reflete que muito do sucesso dessas novas tecnologias deve-se a isso, a disposição de várias semioses dentro de um texto e tanto a sua rápida veiculação quanto essa flexibilidade linguística permitiram o aceleração da penetração desses gêneros nas demais práticas sociais.

Faz-se necessário ressaltar a centralidade da escrita nesses gêneros, visto que muito deles são baseados essencialmente na escrita, ainda que alguns gêneros surgidos nos últimos anos carreguem com eles a disposição de áudios por meio de gravações durante a interação, como também acontece com algumas redes sociais.

Como abordado no subcapítulo anterior, os textos que circulam no ambiente virtual são contemplados por uma das características mais inovadoras no que diz respeito aos gêneros

discursivos, que é a questão do uso de links eletrônicos, que é o que caracteriza o diálogo entre os diversos textos dispostos nesses links. Como refletido, esses links dão diversas possibilidades de caminhos de leitura para os seus leitores e de forma não lineares. Esses textos possibilitam aos leitores a construção de diversos sentidos dependendo dos caminhos tomados por ele e daí que se caracteriza a intertextualidade.

Sobre esse fato, Ferraz (2010) afirma:

O link eletrônico faz parte de um fragmento de um determinado enunciado, ao mesmo tempo em que recupera algum outro. Logo, o enunciado determinado como link eletrônico faz parte de dois planos discursivos e de sentido diferentes, porém complementares, em que será instaurado o dialogismo hipertextual. (FERRAZ, 2010, p.133)

Cada um dos textos disponibilizados nos links possui sentidos diferentes, porém, que se complementam durante a leitura, como reflete a autora. É bom lembrar que apesar de serem vários os caminhos quais os leitores poderão recorrer, cada um deles serão selecionados pelo autor do texto. Portanto, não haverá qualquer construção de sentido, mas aquelas pelas quais o autor se interessa que o leitor a faça. Desta maneira, esses links funcionam como um elo na comunicação, visto que eles serão um dos pontos de contato entre os diversos textos ali disponibilizados, como reflete (Ferraz, 2010)

Portanto, a intertextualidade que ocorre aqui não é caracterizada pelos fragmentos de outros textos dentro de um determinado texto, mas sim por esses links, já que, como refletido, funciona como um elo relacionando os diversos tipos de enunciados presentes no texto. Pois, como afirma Ferraz (2010), não é função dos links materializar os textos citados como ocorre com os intertextos, mas permitir o diálogo entre os diferentes textos disponíveis.

Como tratado no presente trabalho, muitos dos gêneros discursivos são circulados exclusivamente no ambiente virtual, como é o caso dos e-mails, blogs, e etc. Porém, há alguns gêneros digitais que são veiculados em mais de um suporte, como ocorre com os gêneros jornalísticos. Portanto, é para esse fato que o referido texto se voltará.

## 4.2 OS GÊNEROS DIGITAIS JORNALÍSTICOS

Antes da evolução tecnológica da modernidade, os jornais tradicionais eram aqueles impressos que o de mais moderno que eles traziam eram as imagens, e é a partir daí que temos uma mínima noção do quão diferente esse gênero se tornou, não deixou de existir, pelo contrário, mas além dos impressos, a maioria também conta com a versão digital, versão essa com várias acessibilidades, podem ser citadas: acoplamento de sons, vídeos, links que podem levar o leitor a outros textos.

Segundo Albertos (1991 *apud* Bertocchi (2005), a Teoria dos Gêneros Jornalísticos nasce como uma extrapolação da Teoria dos Gêneros Literários. Por este fato, os gêneros do jornalismo são vistos como modalidades históricas específicas e particulares da criação literária concebidas para lograr fins sociais determinados.

Como afirma Seixas (2009), os gêneros jornalísticos passaram a ser estudados a partir da primeira metade do século XX, e se desenvolve de forma mais detalhada a partir de 1950 através dos estudos de Jacques Kayser. A autora, em conformidade com Medina (2001) afirma que muitos jornais brasileiros divide esses gêneros em quatro diferentes grupos: o informativo, que tem como principal objetivo relatar os fatos ocorridos de forma mais precisa possível; o interpretativo, que interpreta os fatos ocorridos além de informa-los; o opinativo, que expressa a opinião do autor em relação a algum fato; e por fim o entretenimento, que além de informar tem como objetivo divertir os leitores.

Essas classificações se dão afim de orientar os respectivos leitores na procura das informações desejadas por eles. E por isso está aí um dos motivos que caracterizam esses textos como gêneros, já que, a depender de como as informações são dispostas neles, receberão uma determinada classificação e pertencerão a uma seção específica dentro do jornal. Como por exemplo, se o texto for fortemente marcado pelo ponto de vista do autor, possivelmente ele será classificado com um artigo de opinião, coluna, crônica, dentre outros.

Até então, os jornais aos quais os usuários tinham acesso ainda eram os impressos, cujas atualizações se davam de forma diária ou semanal, ou ainda os telejornais. Porém, com o advento da tecnologia, os jornais passaram a ser veiculados em um novo ambiente, o virtual,

no qual os textos dispostos eram essencialmente digitalizados, qual pode ser entendido como jornalismo digital ou ciberjornalismo.

O ciberjornalismo é uma modalidade jornalística que surgiu no século XX que se apropria do ciberespaço para a construção de conteúdos jornalísticos. São “todas tarefas que envolvem a criação de textos para os produtos do meio.” (FERRARI, 2004, p. 41) É o “jornalismo feito especialmente na rede e para a rede” (Bastos, 2000:12 apud Bertocchi, 2005, p. 1294), e que possui uma linguagem jornalística própria. Isto é, o jornalismo feito na rede virtual para serem exclusivamente circulados nela.

E por circularem nesse meio, o jornalismo adquiriu características próprias, como possuir uma linguagem multimidiática, visto que podem ter à disposição diversas mídias como sons, imagens, textos, vídeos, figuras, e etc. dentro de um mesmo texto; a atualização em tempo real e não mais diariamente ou semanalmente como nos impressos; e até mesmo a possível característica mais inovadora dos jornais virtuais, que é a alta interatividade, pois os usuários desses jornais podem interagir dentro desses textos com outros usuários ou até mesmo com o autor do mesmo através dos comentários, colocando em pauta as suas opiniões acerca do assunto abordado no texto.

Ainda, para Bertocchi (2005), os textos do jornal digital, ou do ciberespaço, apresentam-se como modelos tridimensionais (hipertextuais) dentro de uma linguagem (multimídia); a comunicação dá-se de muitos para um e de muitos para muitos, diferenciando-se do jornal impresso nos quais a comunicação se dava apenas de um para muito. Sobre isso, Lé (2012) afirma:

Os elementos do conteúdo on-line vão muito além do que é apresentado no jornal impresso, envolvendo, além de textos, fotos e gráficos, sequências de vídeo, áudio e ilustrações animadas. Todos esses recursos terminam por definir novas práticas comunicativas de escrita jornalística na web, influenciando no surgimento de novos gêneros relacionados a determinadas funções e a variadas formas de apresentação do conteúdo. (LÉ, 2012, p. 88).

Como mostra a autora, os recursos midiáticos dos quais os jornais digitais se dispõem influenciam no surgimento de novos gêneros desse ambiente, como exemplos de gêneros originados a partir desses recursos, podem ser citados as charges, os infográficos, e etc.

Ferrari (2004) afirma que a maioria dos sites jornalísticos foram originados reproduzindo os conteúdos publicados por meio impresso. Em conformidade, Alves (2006)

aponta que antes da criação da web, os jornais já utilizavam a internet para a publicação de seus textos através do CMC (Comunicação Mediada por Computador), porém, com o surgimento desta, o CMC foi rapidamente abandonado. Porém, as empresas não vieram a web como um novo meio de publicações, e sim como uma simples ferramenta para a propagação de seus conteúdos. Nesse caso, esses textos publicados eram meras repetições dos conteúdos tradicionais, sem que houvesse nenhum tipo de adaptação.

Portanto, daí já se podem notar as grandes mudanças pelas quais os jornais passaram com o passar dos anos e com os avanços tecnológicos. Pois, como já abordado, atualmente, os jornais são feitos exclusivamente para a rede. Esse advento permitiu com que muitos jornais impressos deixassem de existir, como ocorreu com o jornal do Brasil, que era publicado tanto na modalidade impressa quanto na virtual, porém, atualmente, conta apenas com a circulação digitalizada.

Como visto no capítulo anterior, o domínio jornalístico é um nos meios dos quais as relações entre os textos mais se estabelecem, visto que os produtores dos textos precisam de várias informações para que possa compô-los. Portanto, como reflete Lé (2012), as diversas práticas comunicativas realizadas através do jornal digital permitiram a estabilização de alguns gêneros, como o blog, o plantão de notícias, a enquete, o twitter. Dessa forma, a fim de elucidar como a intertextualidade se comporta em alguns dos gêneros jornalísticos, serão focalizados destes o blog, a enquete, o twitter e o artigo de opinião.

#### 4.2.1 O Blog Jornalístico

O termo weblog foi criado pelo Jorn Barger em 1997 e diz respeito a sites pessoais cujas publicações se dão por meio dos chamados *posts*. Esse gênero se popularizou como diários virtuais, nos quais os usuários relatavam fatos pessoais de suas respectivas vidas. Porém, hoje em dia, é mais usado para tratar de temas pelos quais os usuários se interessam, como beleza, moda e etc.

A respeito dos blogs, pode-se dizer que os mesmos são transmutações dos diários pessoais. Esses diários, ao começarem a ser escritos nesse ambiente digital, acabou

incorporando características deste, como as múltiplas semioses, isto é, as diferentes linguagens dentro de um mesmo texto, como imagens, sons, vídeos, e logicamente os links, que caracterizam o hipertexto, como já abordado no presente trabalho, que encaminham os leitores para outros blogs. Nesses posts ainda há a disposição de espaços para comentários dos leitores do blog onde esses podem tecer sua opinião sobre o assunto tratado, dessa forma interagindo com o autor do texto e até mesmo com outros leitores. Por esses motivos, é um dos gêneros mais intertextuais existentes, visto que também, para seu texto ter mais crédito, o autor se utiliza de uma multiplicidade de vozes. Dessa maneira, diferenciando-se completamente da sua forma tradicional, já que esses não ficavam ao alcance de outras pessoas a não ser o seu usuário, já que eram utilizados para relatos do cotidiano, segredos, sonhos e etc.

Ormundo (2004), se assegurando em Halliday e Hassan (1985), afirma que as múltiplas linguagens nos textos dos blogs acabam por ampliar o conceito de texto, pois, para os autores, texto é qualquer instância da linguagem concreta em um determinado contexto situacional, podendo ser falado, escrito e etc.

Dessa mesma maneira ocorre com os blogs jornalísticos, que são aqueles utilizados por colunistas de algum jornal para tratar de algum tema ao qual o blog se dispõe, em sua maioria assuntos como economia, política e etc. Como aponta Lé (2012), esses blogs geralmente tecem comentários ou notícias acerca de algum assunto a qual foi abordado na versão online do jornal.

Segundo Araújo (2005), foram três os motivos que fizeram com esse gênero atraíssem a imprensa online, a saber, a possibilidade de publicação instantânea dos textos, delimitação de espaço para o título e o próprio texto, e a ordenação cronológica desses textos.

Como se pode ver na Figura 12, publicada em 14/ 06/ 2018, pelo colunista Ancelmo Gois, no Jornal O Globo. O tema apresentado por ele se trata de meio ambiente, e pode ser observada a disposição de espaço para comentários dos leitores, e ainda a possibilidade de compartilhamento em algumas redes sociais.

Figura 12

MEIO AMBIENTE

## 'Guerra' contra os canudinhos de plástico ganha mais um aliado no Rio

POR **ANCELMO GOIS** 14/06/2018 04:30

### Fora, canudinho

A "guerra" (neste caso, boa) contra os canudinhos de plástico ganhou mais um adepto. Hoje, quem consumir bebida no iVengal Chiringuito, em Copa, ganhará canudos de inox para levar para casa.

É que os de plástico acabam no mar. E alguns estudos indicam que, em 2050, haverá mais plástico do que peixes no oceano. Ainda dá tempo.

Compartilhe    Comente 

**Fonte:** Blog Ancelmo Gois, do Jornal O Globo

Já na Figura 13 há um post do blog Painei, no jornal Folha de São Paulo, de 28\05\2018, que fala sobre a divulgação de um áudio divulgado por representantes dos caminhoneiros, qual falava sobre a manutenção da greve dos caminhoneiros, ocorrida nas últimas semanas do mês de maio de 2018.

No exemplo, as características do exemplo anterior são dispostas, porém, com o tema política, e, como se observa, há a disposição de imagens e hiperlink, o qual encaminhará o leitor para outro texto ao qual o assunto está relacionado.

Figura (13)



**Fonte:** Blog Painel, do jornal Folha de São Paulo

#### 4.2.2 A Enquete

Com base em pesquisas realizadas pela pesquisadora, observa-se que as enquetes são pesquisas relativamente curtas que possuem o intuito de esclarecer uma determinada questão através de opiniões das pessoas de forma bastante objetiva e direta, através de perguntas e respostas previamente apresentadas e posteriormente traduzidas em resultados quantitativos organizado geralmente por um jornal, organização pública e etc. Portanto, elas apresentam temas específicos de interesse dos colunistas que se dispõem.

Elas não possuem um espaço específico a depender do jornal, como acontece com o jornal O Globo, dessa forma podendo ocorrer em diferenciadas seções. Já no jornal Folha de São Paulo, elas podem ser encontradas em uma área específica do jornal, podendo ser acessadas através do menu disponibilizado pelo jornal.

Para exemplificar, seguem as Figuras 14 e 15:

Figura 14



**Fonte:** Enquete por Jorge Bastos Moreno, do Jornal O Globo

Figura 15



**Fonte:** Enquete Jornal O Globo

Em (14), a enquete foi proposta pelo colunista Jorge Bastos Moreno, no jornal O Globo, em 12\03\2009; como se pode notar, o tema trazido diz respeito à política, na qual

trata sobre horas extras recebidas indevidamente pelos servidores do Senado. Já (15) não possui a explicitação do colunista qual propôs a enquete; o tema diz respeito à economia, e trata sobre haver ou não diferenciação nas cobranças entre homens e mulheres em shows e restaurantes, publicado em 19\12\2017. Como se nota, ambas trazem perguntas bastantes objetivas, para as quais as respostas esperadas dos leitores seriam “sim” ou “não”.

#### 4.2.3 O Tweet Jornalístico

O twitter, como observa Lé (2012), é uma rede social conhecido como microblog, criado em março de 2006 nos Estados Unidos, mas no Brasil o seu uso tem se datado a partir de 2009, quando celebridades e veículos de comunicação passaram a usá-lo para publicações de informações. Aqui, o que o se caracteriza como gêneros são os posts, que são chamados de tweet, pois esses são moldados a partir de um conteúdo temático, uma composição estrutural e um estilo. Esses tweets são geralmente marcados pelos eventos intertextuais, pois esses posts aparecem sempre configurando vozes outras, muitas das vezes por algum tipo de citação, já para chamar a atenção dos leitores.

Portanto, os textos publicados nesse suporte possuem temas variados, desde política, economia, meio ambiente, dentre outros. Atualmente, nesses posts não se tem a explicitação do autor do texto já que podem ser vários em um mesmo twitter jornalístico, sendo assim, os temas não seguem uma vertente explícita, variando entre os citados acima.

O twitter, como afirma Lé (2012) é também conhecido como microblog devido à limitação de caracteres dos posts, que atualmente podem conter até 280 caracteres<sup>2</sup>, podendo contar também com a disposição de sons, imagens, vídeos e etc.

Como ainda afirma Lé (2012),

Atualmente, o espaço do twitter na versão eletrônicas dos principais jornais brasileiros tem sido notório, sendo um dos mecanismos mais utilizados pelos jornais para interagir com o seu leitor digital. As páginas jornalísticas do twitter podem ser associadas ao twitter oficial do jornal - que geralmente lista as principais notícias

---

<sup>2</sup> Até 2017 contava com a delimitação de apenas 140 caracteres.

com links de acesso (tal como um plantão de notícias) – ou ao twitter dos colunistas, que, além de promover a comunicação mais direta com o leitor, divulga os posts publicados em seus blogs temáticos (de política, economia, cultura, informática etc.) (LÉ, 2012, p. 91)

Esses posts são bastante hipertextuais, caracterizando os eventos intertextuais, visto que nos posts há a disposição de links que encaminham os leitores direto para a matéria do jornal online; há a disposição de retweets<sup>3</sup>; a possibilidade de envios de mensagens diretas; a possibilidade de compartilhamento dos tweets para qualquer outra rede social; o espaço para comentários dos leitores através de hiperlinks em formato de @, possibilitando ainda mais a interação entre leitores e autor e entre leitores com leitores; dentre outras características.

Para exemplificação, segue a Figura 16, retirada do twitter do jornal O Globo, publicada em 30\05\2018, na qual pode-se observar as características apontadas acima, como a disponibilização do hiperlink que levará o leitor diretamente à página do jornal online; os comandos para retweets, comentários, mensagens diretas, e etc.

Figura 16



Fonte: Twitter Jornal O Globo

<sup>3</sup> Inclusive com comentários a partir do retweets.

#### 4.2.4 O Artigo De Opinião

O artigo de opinião é uma espécie de texto na forma dissertativa-argumentativa, no qual o autor tem por objetivo mostrar sua opinião, seu ponto de vista sobre um determinado assunto, com a intenção de “persuadir” o leitor sobre um determinado assunto de interesse do produtor textual, por isso se diferencia dos artigos científicos. O texto é geralmente composto em primeira ou terceira pessoa, são sempre assinados pelo autor e se utilizam temas da atualidade, que variam de acordo com os conteúdos os quais o colunista costuma abordar. Em geral, são temas provocativos e polêmicos.

Como a intenção do autor textual é expor a sua opinião a respeito de algum fato, com a intenção de levar os seus leitores a comprar o seu ponto de vista, esse texto se torna predominantemente dissertativo-argumentativo. E, nesse caso, por se tratar de um artigo jornalístico, o autor precisa fundamentá-lo bem, isto é, trazer bastante referências para que o texto ganhe mais credibilidade diante dos seus leitores. Esse fato exemplifica o que Uber (2008) traz em seu texto:

Um texto escrito traz outras “vozes” que não as do autor, mas que “falam” pelo autor, pelo fato de que a comunicação humana é marcada pelo dialogismo. O autor de um texto “conversa” com outras pessoas que pensam de formas diferentes da sua, através de outras leituras que ele faz. Quem lê um texto deve estar atento a essas “conversas” que muitas vezes nos remetem a outros textos. (UBER, 2008, p. 5)

Mesmo trazendo pontos de vistas próprios, mas o meio por se tratar de veículo de comunicação tão sério como jornal, a linguagem desses textos tende a ter um pouco mais de formalidade. As pessoas que escreve esses tipos de artigos são chamadas de articulistas. Esses articulistas pode ser uma pessoa convidada pelo jornal, uma pessoa que ofereça algum artigo para o jornal, ou pode ser um colunista do próprio jornal. Como exemplo, segue a imagem abaixo publicada pelo colunista Benedita da Silva, em 06\03\2018, no jornal O Globo, no qual o autor fala sobre a intervenção militar nas favelas e a violência causada pelo abuso de poder dos policiais, e sobre a mobilização das lideranças comunitárias e suas entidades, já que elas defendem uma política de segurança pública não baseada apenas no uso de força bruta.

Figura 17

# Golpe contra democracia

O que fica como saldo dessas ações espetaculares, mas inócuas, são abusos de poder e vítimas inocentes

Benedita da Silva  
05/03/2018 - 00:00



PUBLICIDADE

Espremido entre a violência do crime organizado e da polícia, o morador da favela e da periferia é o que tem maior interesse no enfrentamento da violência, mas, por experiência própria, sabe que o crime organizado não se combate com intervenção militar. Diante da força maior, este se torna invisível



O GOVERNO  
QUE NÃO PARA,  
O GOVERNO  
QUE FAZ.

para voltar depois. O que sempre fica como saldo dessas ações espetaculares, mas inócuas, são abusos de poder, humilhação dos moradores e vítimas inocentes.

A natureza da intervenção federal estabelece, por si só, a jurisdição da Justiça Militar para possíveis crimes praticados durante suas ações. Portanto, a Justiça Civil estará desautorizada para os cidadãos poderem apresentar as denúncias contra as violações de suas garantias constitucionais. Se as autoridades militares exigem “mãos livres” para agir, é um sinal de que os fuzis estarão voltados contra as famílias e seus filhos que vivem pacificamente no que eles chamam de “territórios hostis”.

Tudo isso, inclusive o caráter inconstitucional da “natureza militar” dessa intervenção feita pelo poder civil, já vem sendo dito por juristas e especialistas em segurança pública. A OAB já se manifestou contrária aos mandados coletivos de busca, que permitem a invasão indiscriminada das casas dos cidadãos. É possível imaginar violência igual nos bairros da Zona Sul do Rio?

O morador de comunidade já sabia disso tudo, mas está com medo do que vai acontecer. Por isso, as lideranças comunitárias e suas entidades estão se mobilizando. O que as entidades comunitárias e as forças democráticas defendem é uma política de segurança pública que não se baseie unicamente na força bruta, mas na inteligência policial e em ações preventivas.

---

Quem não sabe que na favela não se produz armas e drogas e que estas vêm de fora, de poderosas organizações criminosas agindo impunemente? Combater os efeitos sem atacar essas causas, sem desmantelar essas quadrilhas e proteger as fronteiras, é enxugar gelo. Se um projeto de segurança pública contra o crime organizado não for seguido de um projeto de inclusão social e de respeito aos direitos do morador das comunidades, a situação nunca mudará.

O próprio comandante do Exército, general Villas Bôas, tem clareza sobre os equívocos do uso das Forças Armadas para a segurança pública. Falando sobre isso no Senado, em junho do ano passado, disse que “temos que realmente repensar esse modelo de emprego, porque ele é desgastante, perigoso e inócuo”.

O que não podemos aceitar é que o povo seja usado como bucha e as Forças Armadas desviadas de sua missão constitucional de defesa da soberania, apenas para satisfazerem os interesses políticos ocultos do usurpador Michel Temer. O povo está consciente do que está acontecendo e, acredito seguramente, não aceitará mais um golpe contra a democracia.

*Benedita da Silva é deputada federal (PT-RJ) e ex-governadora do Rio*

**Fonte:** Artigo de opinião por Benedita da Silva, do Jornal O Globo

Após a apresentação desses quatro gêneros, o presente trabalho investigará como o fenômeno da intertextualidade neles se comporta e por fim, analisar como esses gêneros se apresentam em relação ao conteúdo temático, construção composicional e ao estilo, propostos pela teoria bakhtiniana. Para este estudo, foram escolhidas as versões digitais do jornal O Globo e o Folha de São Paulo, conforme será explicitado nos procedimentos metodológicos indicados no próximo capítulo.

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS

O presente capítulo tem por objetivos apresentar os procedimentos metodológicos pelos quais o trabalho passou para que os resultados fossem alcançados, assim como também analisar como a intertextualidade costuma se manifestar nos gêneros escolhidos para a investigação, assim como também analisar os respectivos gêneros no que diz respeito ao seu conteúdo temático, construção composicional, e por fim, ao estilo.

Primeiramente, o corpus do trabalho constituiu-se de textos publicados em dois jornais de circulação nacional, o jornal Folha de São Paulo e O Globo, dos quais foram selecionados quatro gêneros discursivos para a investigação, a saber: blog, artigo de opinião, enquete e o tweet. Desta maneira, foram tiradas como amostras o total de quarenta e três exemplares, desses, para a análise foram selecionados o total de vinte e três textos.

Para haver uma maior familiarização com o tema da pesquisa, foi necessária primeiramente fazer uma pesquisa de cunho bibliográfico em Koch, Bentes e Cavalcante (2007); Koch e Elias (2006, 2009); Bertocchi (2005); Lé (2012); e Marcuschi (2010). E, logo após essas leituras, foi feita uma pesquisa de cunho qualitativo, pois o interesse era observar de que modo a intertextualidade se manifesta nos diferentes gêneros do jornal digital escolhidos.

Os dados foram coletados através de prints em quatro diferentes gêneros do jornal digital. Esses prints foram salvos e anexados no Word e são datados de 24\01\2018 a 21\06\2018, o que corresponde também ao período das coletas. Porém, pelo fato de não haver muitas publicações de enquetes, as coletadas foram datadas de 12\03\2009 a 19\12\2017. Em relação aos colunistas, também não houve regras, desta forma, as coletas foram feitas de forma aleatória.

Para esta pesquisa, como já afirmado, foram selecionados quatro diferentes gêneros jornalísticos para serem analisados. A escolha desses gêneros ocorreu pelo fato de o tema já fazer parte dos estudos da pesquisadora junto ao grupo de Pesquisa HIPERJOR, em que participava como pesquisadora voluntária, tendo como orientadora a professora doutora Jaqueline Barreto Lé.

Foram analisados em cada gênero como a intertextualidade costuma se manifestar, se de forma implícita ou explícita e quais os tipos predominaram em cada um deles. Além disso, investigaram-se nesses gêneros as três noções da teoria bakhtiniana que os definem como tal, a saber: a sua construção composicional, o conteúdo temático e o estilo; como também as formas como as heterogeneidades enunciativas propostas por Authier-Revuz (2004) se manifestavam nesses textos.

Para facilitar a análise dos dados, os exemplos foram agrupados de forma que, cada gênero fosse analisado de dois em dois textos de cada jornal trabalhado, dessa forma, em cada gênero, foram analisados dois textos extraídos do Jornal O Globo e dois do jornal Folha de São Paulo. Assim, primeiramente investigaram-se quais as formas de intertextualidades eram encontradas nesses textos; e, como a fundamentação teórica apontou alguns aspectos da chamada heterogeneidade enunciativa, logo em seguida a investigação da intertextualidade, foram analisados também como a heterogeneidade ocorria; e por fim, os gêneros foram analisados de acordo com seu *conteúdo temático, construção composicional e estilo*.

## 5.1 ANÁLISE DE DADOS

Como visto no segundo capítulo deste trabalho, a intertextualidade, cunhada por Kristeva a partir das ideias da teoria bakhtiniana sobre dialogismo, é inerente a todo e qualquer texto produzido na língua. Para os autores, nenhum texto nasce puro, mas sempre a partir de outros textos, que são os chamados intertexto, formando assim novos sentidos. Como apresentado também, esse fenômeno se divide em *lato sensu*, que é vista por Koch (1991) como a condição de existência do próprio discurso; e a *stricto sensu* ocorre quando um texto recorre a outro efetivamente produzido, e é sobre esse âmbito que análise de dados versará.

A intertextualidade *stricto sensu* é apresentada por Koch, Bentes e Cavalcante (2012) através da intertextualidade explícita, implícita, temática e estilística. Porém, para as referidas análises foram selecionadas apenas dois dos quatro, a saber: a explícita, implícita. Como abordado anteriormente, no segundo capítulo do presente trabalho, a intertextualidade explícita é aquela que menciona diretamente a fonte intertextual, isto é, os textos usados para a nova construção textual; a intertextualidade implícita é aquela qual não deixa claro a fonte

intertextual, dessa forma fazendo com que o leitor recorra aos seus conhecimentos de mundo para que possa capturá-la.

Após esse breve lembrete, pretende-se focalizar nas análises dos textos, quais buscam investigar as formas das quais o fenômeno da intertextualidade costumam aparecer nos quatro gêneros mencionados, o tweet, o blog, a enquete e o artigo de opinião a partir vinte e três textos exemplares; ao mesmo tempo que busca investigar o comportamento desses gêneros em relação aos elementos que os constituem como tal segundo a teoria bakhtiniana: a construção composicional, conteúdo temático e estilo.

Para melhor situar o leitor, esta análise será dividida por gêneros, apresentados nas seções a seguir:

### 5.1.1 Manifestações Intertextuais No Tweet Jornalístico

Na figura (18), retirado do twitter do jornal O Globo, postado em 02\04\2018, há um trecho de uma fala do até então deputado estadual do Rio de Janeiro, Marcelo Freixo. E em (19), também retirado do jornal O Globo, publicado em 27\05\2018, apresenta-se um discurso do ex-ministro do trabalho, o Lupi. Nas publicações, é possível verificar a presença da citação direta, que é uma transcrição fiel de um trecho de um texto, de uma fala, e etc., de um conteúdo original. Segundo Cavalcanti *et al* (2017), elas aparecem sempre marcadas por algum sinal, sobretudo o tipográfico, nesse caso, está sendo representado por apóstrofo.

Sobre esse tipo de intertextualidade, Koch e Elias (2009) dizem que funciona como um recurso de autoridade, pois “o que está em jogo na argumentação pretendida é não apenas o dito, mas principalmente o responsável pelo dizer, a credibilidade das fontes selecionadas.” (KOCH e ELIAS, p. 43).

Exatamente pelo fato dos tweets explicitarem a fonte do intertexto, os posts se caracterizam pela heterogeneidade mostrada, que como já tratado anteriormente, segundo Authier-Revuz (2004), ocorre quando o produtor textual produz formas linguísticas que são detectáveis no discurso, podendo ocorrer de forma marcada ou não marcada. No exemplo explicitado, a heterogeneidade se apresenta de forma marcada, visto que se trata de um

discurso direto, isto é, são as palavras do outro expressas literalmente no discurso, demarcada, nesse caso, através das aspas, que exercem a função de marcar um discurso que foi deslocado de seu lugar para um outro texto.

Figuras 18



Fonte: Twitter Jornal O Globo

Figura 19



**Fonte:** Twitter Jornal O Globo

Em 20, numa publicação feita pelo Jornal Folha de São Paulo, em 31\05\2018, pode-se observar que o tweet carrega uma citação da fala do ex-presidente da república, porém não acontece de forma direta, assim como ocorre em 21, postado também em 31\05\2019, visto que não há nenhum tipo de marcação que a indique. Portanto, ela carrega a chamada citação indireta ou a paráfrase, que é a reprodução da fala de alguém, porém com as palavras do produtor textual e na maioria das vezes, sem sinais tipográficos a identificando. Sobre elas, Cavalcante et al (2017) afirmam: “As paráfrases consistem, assim, em inserções de partes adaptadas de outro texto e são, por isso mesmo, menos marcadas, mais disfarçadas, que as citações”. (p. 113)

Em relação à heterogeneidade enunciativa, os referidos tweets se caracterizam também pela heterogeneidade mostrada marcada, porém, através do discurso indireto, que, segundo Authier-Revuz (2004), ocorre quando o produtor do texto faz o papel de tradutor, ou seja, reproduz o discurso do outro através de suas próprias palavras.

Figura 20



**Fonte:** Twitter jornal Folha de São Paulo

Figura 21



**Fonte:** Twitter jornal Folha de São Paulo

Em todos os exemplos apresentados acima, pode-se notar a presença da intertextualidade também pelo meio dos chamados links, que caracterizam a hipertextualidade, que também caracterizam os gêneros circulados no meio digital. Como afirmado anteriormente, esses links, ao serem clicados, encaminhará os respectivos leitores para outros textos, nesse caso, para a matéria completa na página oficial do jornal online. Além de apresentar também os comandos para retweets e comentários, que também se apresentam como traços de intertextualidade.

Em relação aos elementos que os caracterizam como gêneros, o tweet apresenta conteúdo temático, segue uma linha ampla de possibilidades, já que são posts de assuntos gerais, como política, meio ambiente, economia, e etc. Em relação à construção composicional, nota-se: sequência expositiva, disponibilização de links para leitura da notícia na íntegra na página do blog, uso de retweets, o uso do @ para envio de mensagens diretas, opção para curtidas, atualização de posts por segundos, limite de 280 caracteres por posts,

espaços para comentários, e etc. Em relação ao estilo, Lé (2012) afirma que pode ser informal ou semi-informal quando se trata do twitter pessoal do colunista do jornal. Para exemplificação, segue os exemplos do jornal O Globo 22 e Folha de São Paulo 23 respectivamente:

Figura 22



Fonte: Twitter Jornal O Globo

Figura 23



Fonte: Twitter jornal Folha de São Paulo

No que cerne ao conteúdo temático, observa-se que o tweet 22, postado em 15\06\2018, trata sobre política, e em 23, postado em 02\04\2018 é sobre entretenimento. Já em relação à construção composicional, são vários os aspectos destes, a saber: limitação de caracteres até 280 no máximo; comandos para retweets; envios de mensagens diretas. E em relação ao estilo, nota-se em padrão mais formal.

### 5.1.2 As Manifestações Intertextuais No Gênero Blog

Em 24, publicada pelo jornal O Globo, em 16\03\2018, pelo colunista Alvaro Gribel, trata sobre alguns dos vários interesses políticos do presidente Temer, os quais foram atendidos pela intervenção na segurança do Rio. O fenômeno da intertextualidade aparece pela forma de citação direta ao transcrever de forma literal uma fala do presidente: “Jogada de mestre”, que é assinalada pelas aspas. Da mesma forma, ocorre em 25, publicada também pelo jornal O Globo, pelo colunista Ancelmo Gois, em 14\04\2018, no qual fala sobre uma frase que um brasileiro escreveu em um pub na cidade de Moscou. E já traz o evento intertextual, citação direta, marcado pelos apóstrofes em seu título, e após é retomada no corpo do texto marcado pelo uso de aspas: “Fora, Temer” e “eleição sem Lula é fraude”. Esse tipo de intertextualidade, Koch *et al* (2012) chamam de *stricto sensu*, como já mencionado no presente trabalho, que segundo as autoras, aparece quando um texto ou parte dele, qual faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva dos interlocutores, está inserido em um outro texto. Elas ainda afirmam: “Em se tratando de intertextualidade *stricto sensu*, é necessário que o texto remeta a outros textos ou fragmentos de textos efetivamente produzidos, com os quais estabelece algum tipo de relação”. (KOCH et al, 2012, p. 17)

Novamente, nos dois exemplos explicitados, há a presença da heterogeneidade enunciativa mostrada, ocorrendo através da forma marcada, caracterizado pelos discursos diretos, demarcados através das aspas, que, mais uma vez, funcionam como recurso de proteção, explicitando as reais palavras do autor do texto fonte, e garantindo mais credibilidade ao seu texto.

Figura 24

## Comoção nacional

POR **ALVARO GRIBEL** 16/03/2018 06:00

A intervenção na segurança do Rio atendeu a vários interesses políticos do presidente Temer. Primeiro, criou uma saída honrosa para a reforma da Previdência, que seria derrotada se fosse à votação na Câmara. Também impediu a tramitação da proposta que restringe o foro privilegiado e coloca parte da base aliada na mira de juizes de primeira instância. O governo ainda ganhou uma nova agenda para as eleições, já que a economia melhora, mas não decola. Foi por isso que Temer disse que estava fazendo uma "jogada de mestre". A presença das Forças Armadas não impediu que a vereadora Marielle Franco (PSOL) fosse executada a tiros na cidade e provocasse uma comoção nacional. Sua morte trágica revela a Temer o quanto ele estava errado em politizar tema tão sensível.

**Fonte:** Blog Alvaro Gribel, do Jornal O Globo

Figura 25



**Fonte:** Blog Ancelmo Gois, do Jornal O Globo

No texto apresentado na Figura 26, postada em 24\01\2018, no jornal Folha de São Paulo, por Sabine Righetti, fala sobre um edital inédito com 90 bolsas para unidades credenciadas à Embrapii, com valores mensais de R\$4 e 7 000,00 lançada pela CNPq e a CAPES. O evento intertextual ocorre logo no título com a frase “Em tempos de vacas magras”.

A frase faz uma alusão ao texto bíblico, no qual José interpreta o sonho do Faraó, qual tinha sido com 7 vacas belas e gordas, e 7 feias e magras. As gordas representando 7 anos de fartura a terra do Egito, e as magras representando 7 anos de fome, isto é, de pobreza. O autor do texto essa intertextualidade referindo-se ao tempo de crise qual o Brasil vem passando. O evento se caracteriza também pelo fato de o colunista não explicitar a referência no corpo da notícia, cabendo aos leitores fazer a relação.

É bastante importante que nesse tipo de intertextualidade o leitor do texto faça a captação do texto-fonte, pois ao contrário a construção de sentido pode não ser feita com total precisão, fazendo com que seu entendimento fique um pouco prejudicado. Cavalcante *et al* (2017) ao conceitua-la afirmam: “Opera-se uma alusão quando se faz uma espécie de referência por pistas; não se diz claramente a que se está referindo, mas se fazem insinuações contextuais” (CAVALCANTE *et al*, 2017, p. 115)

No trecho, do corpo do texto, ocorre outros tipos de intertextualidade, a citação direta e a citação indireta.

A citação indireta, vem logo no início do trecho:

“De acordo com o diretor-presidente da Embrapii, Jorge Guimarães (ex-presidente da Capes por uma década), a expectativa é que as bolsas atraiam especialmente pós-docs – profissionais altamente capacitados que já terminaram o doutorado”.

E logo após, o autor do texto retoma com uma citação direta da fala do diretor-presidente:

“Queremos evitar que os jovens saiam do Brasil [no contexto da atual crise econômica]”

Já no texto apresentado na Figura 27, postada em 27/02/2018, pelo blog “Telepadi”, no jornal Folha de São Paulo, o texto fala sobre um programa “feminino”, “Superpoderosas” que será lançada no mês de abril, na emissora de televisão Band. O referido programa pode honrar o tipo de mulher moderna, aquela que sabe o que quer, atualizada sobre seus direitos e etc.

Um dos eventos intertextuais encontrados no exemplo é a alusão feita ao desenho animados “As meninas superpoderosas”, um clássico infantil criado na década de 90 que era reproduzido na emissora de televisão SBT, qual retratava três meninas que derrotam vilões, sendo que na nova versão vem trazendo temas sociais como o empoderamento feminino, como afirma Adriana Izel, no Correio Braziliense.

A alusão no exemplo é marcada pela referência “Superpoderosas”, mas podemos observar que em nenhum momento do texto o desenho infantil é citado, cabendo a nós leitores capturar esse intertexto.

Outro evento intertextual notável no texto é a citação direta, assinalada pela fala da jornalista Natália Leite, que juntamente com Ana Paula Padrão, assumirá a ancoragem do programa. Ao contrário da alusão, a citação é bem explícita no texto:

“O coração do programa é a prestação de serviços, que a gente faz no Escola de Você”

Nos exemplos citados, a heterogeneidade mostrada ocorre através da forma não marcada, que ocorre, segundo Authier-Revuz (2004), quando a presença do texto outro não está explícita no fio do discurso, e é o que acontece com as alusões, como apontado. Essas formas são mais complexas, visto que, para que ocorra a construção de sentidos, o ouvinte/leitor precisará ativar o seu conhecimento de mundo.

São também encontradas nos exemplos a ocorrência da heterogeneidade mostrada marcada através dos discursos diretos, assinalados pelas aspas, funcionando para demarcar um discurso deslocado, como já foi explicitado anteriormente; ainda em (27) ocorre também a heterogeneidade marcada através do discurso indireto, marcado pela paráfrase, isto é, pela tradução das palavras do autor do texto fonte.

Figura 26

## Em tempos de vacas magras, Capes e CNPq lançam bolsas inéditas em pesquisa e inovação



### FUGA DE CÉREBROS

De acordo com o diretor-presidente da Embrapii, Jorge Guimarães (ex-presidente da Capes por uma década), a expectativa é que as bolsas atraiam especialmente pós-docs – profissionais altamente capacitados que já terminaram o doutorado. “Queremos evitar que os jovens saiam do Brasil [no contexto da atual crise econômica]”, diz. O fenômeno é chamado fuga de cérebros.

“Depois da bolsa, esse jovem poderá criar uma startup ou uma pequena empresa, ou pode ser contratado pela indústria parceira”, diz Guimarães.

O chefe da Embrapii disse ainda que os R\$5,5 milhões destinados ao novo edital não devem ser encarados de modo competitivo – como se tivessem sido “desviados” dos recursos das bolsas acadêmicas. “Não se trata de financiamento à ciência básica [pesquisa científica voltada, por exemplo, para a compreensão de fenômenos naturais], mas é financiamento à pesquisa e à formação de pessoas.”

A Embrapii foi criada em 2013, na gestão de Aloizio Mercadante, quando o assunto “inovação” passou a integrar oficialmente o então Ministério de Ciência e Tecnologia (hoje Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações).

Fonte: Blog Sabine Righetti, do jornal Folha de São Paulo

Figura 27

**TELE PADI** Noticiário sobre TV com credibilidade e conhecimento [Siga-nos no Twitter](#)  
 @padite

**‘Superpoderosas’, novo feminino da Band, pode ser um ‘TV Mulher’ atualizado**

27/04/2018 | 13:06h



Com tantos programas ditos “femininos” na TV, cada emissora com o seu, é inexplicável que nenhum deles contemple de fato a imagem da mulher atual, dona de seu nariz, chefe do lar, bem informada sobre seus direitos e ávida por novas conquistas profissionais, amorosas, familiares ou sociais.

Dito isto, há motivos para acreditar que o “Superpoderosas”, programa que a Band lança no dia 2 de abril, tenha grandes chances de honrar esse conteúdo, com apoio inestimável da interatividade promovida pelas redes sociais.

A ideia vem do Escola de Você, plataforma criada para a web por Ana Paula Padrão e sua sócia, Natália Leite, que aqui assume a ancoragem de sua versão para a TV. “Superpoderosas” ocupará uma hora e meia das manhãs da Band, ao vivo, e também tem Padrão nos créditos – e muitas vezes, diante da tela. A cada edição, os temas propostos para o dia seguinte vão convidar o público feminino a se manifestar por meio dos canais disponíveis nas redes sociais, e tudo será balanceado no programa do outro dia.

Dito isto, há motivos para acreditar que o "Superpoderosas", programa que a Band lança no dia 2 de abril, tenha grandes chances de honrar esse conteúdo, com apoio inestimável da interatividade promovida pelas redes sociais.

A ideia vem do Escola de Você, plataforma criada para a web por Ana Paula Padrão e sua sócia, Natália Leite, que aqui assume a ancoragem de sua versão para a TV. "Superpoderosas" ocupará uma hora e meia das manhãs da Band, ao vivo, e também tem Padrão nos créditos – e muitas vezes, diante da tela. A cada edição, os temas propostos para o dia seguinte vão convidar o público feminino a se manifestar por meio dos canais disponíveis nas redes sociais, e tudo será balanceado no programa do outro dia.

Seja qual for o tema, a proposta promete derrubar a tese de que mulher não ajuda nem apoia outra mulher. Entre especialistas sobre temas diversos, haverá histórias inspiradoras e "amadrinhamentos" – mulheres bem informadas que "amadrinham" outras, sem muito acesso a boa informação e reflexão.

"O coração do programa é a prestação de serviços, que a gente faz no Escola de Você", diz Natália, que continua: "É educar, entregar ferramentas para que cada um encontre suas saídas; É claro que é um programa de entretenimento, é claro que tem leveza, até porque isso é do nosso DNA, mas o principal é: 'como eu ajudo essa mulher?', 'O que eu posso fazer por ela?'. Temos especialistas em diferentes assuntos. Eu tenho todas as respostas? Definitivamente não. Mas alguma coisa aqui pode ajudar a encontrar suas respostas. Então, os pilares são autoconhecimento, empoderamento, empreendedorismo, para a mulher encontrar o belo e o forte que já estão dentro dela e ela só precisa que alguém faça algo para que ela perceba, como já fizeram por mim."

Natália vem do jornalismo dito hard news, trabalha com Ana Paula Padrão desde os idos da Record. A transição para um formato mais próximo do entretenimento, sem perder o dom de informar, tem sido bastante feliz.

Convém notar que desde o "TV Mulher", revolucionária revista eletrônica feminina criada por Nilton Travesso e apresentado por Marília Gabriela e Ney Gonçalves Dias nos anos 80, a mulher evoluiu em todos os sentidos, ocupando espaço cada vez mais relevante na sociedade.

Paradoxalmente, enquanto isso acontecia do lado de cá da tela, os programas femininos da TV foram se esvaziando do outro lado.

A educação sexual que Marta Suplicy promovia, assim como a moda utilitária de Clodovil e tantos outros ensinamentos, deram lugar a infundáveis quadros de culinária, fofocas sobre celebridades e outras amenidades.

Nesse contexto, ouvindo o que Natália e Ana Paula têm a propor, é de se acreditar que podemos ter esperanças de uma categoria que saia fora do status sorvete na testa para um programa feminino.

Estreia em 2 de abril e vai ao ar de segunda a sexta, às 9h50.

**Fonte:** Blog Telepadi, do jornal Folha de São Paulo

Em relação ao conteúdo temático, com base no corpus analisado, percebe-se que os assuntos versam nos temas gerais abordados pelos colunistas, como exemplos: política, educação, economia, novelas, entretenimento e etc. Em relação a sua construção composicional, nota-se: a disponibilização de links e imagens, uma cronologia nas postagens, espaço para comentários do leitor, a sequência expositiva e argumentativa. Quanto ao estilo, percebe-se que são marcados pelos aspectos formais e informais. Portanto, como mostra as imagens (28) e (29) a seguir, os assuntos postados nos blogs seguem a temática geral que o

colunista aborda, isto é, há um foco temático. Sendo o texto de (28) publicado no blog de Mírian Leitão, que tem como tema a economia brasileira e estrangeira, mas escrito por Alvaro Gribel; e (29) publicado no “Blog Ancelmo Gois”, que tem como temática meio ambiente. Em relação a construção composicional, pode-se observar que em ambas constam a presença do espaço para comentários. E em relação ao estilo, percebe-se a semi-informalidade.

Figura 28

## Comoção nacional

POR ALVARO GRIBEL 16/03/2018 06:00

A intervenção na segurança do Rio atendeu a vários interesses políticos do presidente Temer. Primeiro, criou uma saída honrosa para a reforma da Previdência, que seria derrotada se fosse à votação na Câmara. Também impediu a tramitação da proposta que restringe o foro privilegiado e coloca parte da base aliada na mira de juizes de primeira instância. O governo ainda ganhou uma nova agenda para as eleições, já que a economia melhora, mas não decola. Foi por isso que Temer disse que estava fazendo uma “jogada de mestre”. A presença das Forças Armadas não impediu que a vereadora Marielle Franco (PSOL) fosse executada a tiros na cidade e provocasse uma comoção nacional. Sua morte trágica revela a Temer o quanto ele estava errado em politizar tema tão sensível.

**Fonte:** Blog Miriam Leitão, do jornal O Globo

Figura 29

MEIO AMBIENTE

## 'Guerra' contra os canudinhos de plástico ganha mais um aliado no Rio

POR ANCELMO GOIS 14/06/2018 04:30

Fora, canudinho

A “guerra” (neste caso, boa) contra os canudinhos de plástico ganhou mais um adepto. Hoje, quem consumir bebida no iVenga! Chiringuito, em Copa, ganhará canudos de inox para levar para casa.

É que os de plástico acabam no mar. E alguns estudos indicam que, em 2050, haverá mais plástico do que peixes no oceano. Ainda dá tempo.

Compartilhe    

**Fonte:** Blog Ancelmo Gois, do Jornal O Globo

### 5.1.3 As Manifestações Intertextuais No Gênero Enquete

No texto da figura 30, postada em 31\07\2012, pelo jornal Folha de São Paulo, apresenta como evento intertextual a paráfrase, isto é, diz com suas palavras o que consta a liminar concedida pela Justiça. As paráfrases consistem, segundo Cavalcante et al (2017), em inserir no texto outros textos ou trechos de textos de forma adaptada, sem que cause uma mudança, uma alteração no sentido do que tinha sido dito. Segundo as referidas autoras, esse tipo de intertextualidade aparece menos marcada, isto é, mais disfarçada do que as citações. Já em 31, postada em 27\09\2012, também no jornal Folha de São Paulo, percebe-se que o título faz uma alusão ao programa de televisão global “Big Brother Brasil”. A relação entre ambos se dá pelo fato de um colégio tradicional de São Paulo ter instalado câmeras de segurança nas salas de aula, e o programa de televisão global consiste em um confinamento com participantes dentro de uma casa vigiados por milhares de câmeras durante 24 horas por dia

As heterogeneidades enunciativas nos exemplos mostrados não ocorrem de maneiras semelhantes, pois, em 30 a heterogeneidade ocorre de forma marcada pelo discurso indireto. Entretanto, pode ser observado o uso das aspas na palavra “vexatória”. Dessa maneira, o autor utiliza-se delas para mostrar para o receptor que a referida palavra não é dele, dando para ele um caráter imparcial, garantindo a sua defesa, portanto, as aspas funcionando como um recurso de proteção. Já em 31, a heterogeneidade se apresenta de forma não marcada, isto é, não é possível perceber a voz do outro sem que o receptor ative os seus conhecimentos de mundo; sendo essa forma caracterizada pelo uso da alusão, como apresentado.

Figura 30

**cotidiano**

## Ação da PM na cracolândia

31/07/2012 @ 15h07

  < 0 + Mais opções

A Justiça concedeu uma **liminar** (provisória) em que proíbe ação "vexatória" contra usuários de drogas na região da cracolândia, no central de São Paulo. A decisão impede ainda eles sejam retirados do local ou obrigados a se deslocar para outras áreas. Você acha que a operação da PM foi positiva para a região?

Sim

Não

Fonte: Enquete do jornal Folha de São Paulo

Figura 31

**educacao**

## Big Brother

27/09/2012 @ 12h48

  < 0 + Mais opções

O colégio Rio Branco, um dos mais tradicionais de São Paulo, instalou **câmeras de segurança** dentro das salas de aula. A medida gerou protesto de estudantes, que acabaram suspensos. Você acha que o equipamento dentro das salas é positivo?

Sim

Não

**Fonte:** Enquete do jornal Folha de São Paulo

No texto apresentado em 32, postada em 30\05\2017, por Lydia Medeiros, no jornal O Globo, percebe-se a presença da citação direta, sobre as marcas de aspas para indicar a fala do político brasileiro Rodrigo Maia:

“Garante uma estabilidade muito maior”.

E também para indicar a pergunta de um opositor, qual também é a pergunta da enquete:

“Você acha que com Maia no Planalto a crise será pior do que com Temer?”

E na Figura 33, postada pelo jornal O Globo em 14\12\2017, faz uma traz como evento intertextual a referência à mobilização, chamada “Vai ter cachorro na praia sim”, promovida por donos de cães na cidade do Rio de Janeiro, iniciada nas redes sociais, para que permitam legalmente que os animais possam ir à praia.

Em relação a heterogeneidade enunciativa, em 32 ela ocorre de forma mostrada marcada através do discurso direto, marcada pelas aspas de conotação antonímica funcionando como demarcadora de um discurso outro. Já em 33, a heterogeneidade se apresenta de forma também marcada, porém, caracterizada pelo uso da referência, que é um tipo de intertextualidade que fica no entremeio entre o explícito e o implícito. Entretanto, é possível através dela detectar o intertexto, já que ela acaba fazendo menção a ele.

Figura 32

POR LYDIA MEDEIROS 30/05/2017 22:00



Rodrigo Maia | Ailton de Freitas

Por onde passa, Rodrigo Maia passou a dizer que Temer "garante uma estabilidade muito maior" ao país. Um opositor percebeu e, ontem, saiu pelo Congresso perguntando: "Você acha que com Maia no Planalto a crise será pior do que com Temer?"

Compartilhe    [Comente](#) 

**Fonte:** Enquete do Jornal O Globo

Figura 33

MENU RIO

## Enquete: você concorda com a campanha para permitir cães nas praias do Rio?

Donos de animais fazem mobilização nas redes sociais e coletam assinaturas para criação de projeto de lei municipal

POR O GLOBO 14/06/2017 18:00    



**Fonte:** Enquete do Jornal O Globo

Quanto ao conteúdo temático, com base na análise do corpus coletado, percebe-se que o assunto foi relacionado a algum assunto atual, sem especificidade. Em relação à construção composicional, nota-se: que são perguntas diretas, o tipo textual narrativo (em alguns casos). E quanto ao estilo, nota-se a predominância do aspecto formal. Como mostram os exemplos a seguir em 34 e 35, os conteúdos temáticos versam respectivamente em entretenimento, no caso, um programa de reality show que acontece anualmente na rede Globo de tv; e educação. Em relação à composição estrutural, a predominância é da sequência dialogal, visto que esse tipo de publicação visa o diálogo com o público leitor. E em relação ao estilo, nota-se a predominância do aspecto formal.

Figura 34



Fonte: Enquete do jornal Folha de São Paulo

Figura 35



Fonte: Enquete do jornal Folha de São Paulo

#### 5.1.4 As Manifestações Intertextuais No Gênero Artigo De Opinião

Na figura apresentado na Figura 36, postado no dia 02\04\2018, por Ruy Castro, no jornal Folha de São Paulo, fala sobre uma crônica publicada pelo autor a um tempo atrás, sobre um apartamento de um intelectual que morrera no ano de 2018, qual na época da publicação, ele não pôde dizer o nome, mas agora após liberado, ele diz ser o escritor e cartunista Millôr Fernandes.

No apartamento do falecido, começaram a acontecer fenômenos estranhos, como se o escritor ainda estivesse por ali, como sanitários que davam descargas sozinhas, lâmpadas que se acendiam e apagavam, e etc.

O evento intertextual presente no texto, já no título do artigo, é uma alusão que o autor, Ruy Castro faz ao filme americano “A volta dos que não foram”. A alusão se dá pelo fato de o filme contar a história de um grupo de zumbis desaparecidos a uns anos, e voltam a aparecer no mesmo vilarejo do qual eles desapareceram, porém, aparecendo apenas à noite, e nem todos poderem os verem. E o mistério é saber se realmente eles desapareceram, ou se sempre estiveram ali. Em nenhum momento no corpo do texto, o autor fala sobre a relação com o filme, cabendo assim, ao leitor fazer o paralelo intertextual, e se ele não o fizer, a construção de sentido do texto pode não ser tão eficiente. E como já dito antes, as alusões se dão de forma bastante indireta, por pistas, sem dizer a que se estar se referindo.

Figura 36



**Fonte:** Artigo de opinião por Ruy Castro, do jornal Folha de São Paulo

Na figura 37, publicada em 02\05\2018, pelo colunista Ruy Castro, no jornal Folha de São Paulo, se caracteriza pela referência que o colunista faz ao personagem investigador da literatura britânica, Sherlock Holmes. Como ele diz no texto, o instrumento de trabalho de Holmes era a Lupa, então a referência se dá na situação de deleção que o ex-ministro dos governos de Lula e Dilma fez aos ex-presidentes, pelo fato de a “prova do crime”, isto é, a prova que o ex-ministro disse a verdade são as ligações telefônicas realizadas e as posições dos celulares no mapa de antenas, ou seja, os instrumentos de trabalho dos investigadores.

Como já dito antes, as referências são bastantes diretas, fazendo com que a intertextualidade se torne explícita e mais fácil de serem captadas, basta o leitor ter o conhecimento textual ou de mundo suficientes para a captação.

Desta maneira, pode-se observar que em 36 a heterogeneidade enunciativa mostrada ocorre de forma não marcada, já que o mesmo se trata de uma alusão; já em 37, a heterogeneidade se mostra através da forma marcada, caracterizada mais uma vez pela referência.

Figura 37

## Tchau, Holmes

A nova lupa é a posição dos celulares no mapa das antenas



O ex-ministro Antonio Palocci deixa o IML de Curitiba, Paraná, em setembro de 2016 - Rodolfo Buhner - 26 set.16/Reuters

O cachimbo e a boina eram acessórios — Sherlock Holmes só os usava para não decepcionar seus fãs. Seu verdadeiro instrumento de trabalho era a lupa. Entre outras coisas, ela lhe permitia identificar cerca de 30 marcas de cigarros pela cinza caída no local do crime e determinar qual delas o criminoso fumava. Sherlock, às vezes, usava também uma fita métrica. Ao medir as passadas deixadas no chão pelo suspeito, ele estabelecia sua altura, profissão, cor dos olhos e há quanto tempo o sujeito voltara do serviço público na Índia.

Não estou exagerando. Um dos prazeres de ler as histórias de Sherlock criadas por Conan Doyle, mais até do que chafurdar pelos becos de Londres ou brejos de Devonshire em que elas se passavam, é acompanhar o poder de observação do detetive. E, quando seu cético amigo Dr. Watson dizia que eram deduções impossíveis de comprovar, o criminoso era descoberto e correspondia à descrição. O fascinante era a simplicidade das deduções, que, depois de explicadas, pareciam óbvias.

Sherlock seria impossível numa sociedade padronizada e de massas como a nossa. Mas não faria falta. Quando querem realmente resolver um crime, os investigadores dispõem hoje de ferramentas com que, até há pouco, os escritores de mistério nem sonhavam.

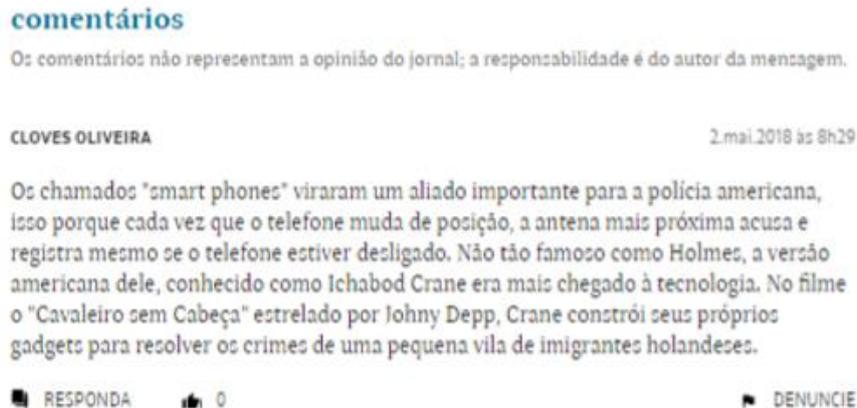
Suponha, por exemplo, que, em sua [delação premiada](#), Antonio Palocci, ex-ministro dos [governos Lula](#) e Dilma, tenha contado que esteve com um ou com outra no dia tal, à hora tal e em lugar assim ou assado, para tratar de propinas, contratos viciados ou lavagem de dinheiro. [Palocci](#) se lembra desses detalhes porque, precavido como é, anotou tudo em agendas ou algo assim. Mas, e se os indigitados negarem? Será a sua palavra contra a deles?

Não mais. A análise das ligações telefônicas que trocaram e a posição dos celulares no mapa de antenas em cada encontro vão dizer se este aconteceu ou não. Tchau, Holmes.

**Fonte:** Artigo de opinião por Ruy Castro, do jornal Folha de São Paulo

No texto 38 se apresenta os comentários do artigo, no qual retomado o assunto do artigo, a intertextualidade é caracterizada pela intertextualidade temática, e dentro dela percebe-se a referência ao filme “A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça”, de Tim Burton. Caracterizando assim a heterogeneidade enunciativa mostrada marcada.

Figura 38



**Fonte:** Artigo de opinião por Ruy Castro, do jornal Folha de São Paulo

Em 39, publicado no dia 01\06\2018, por Renata Gil, no jornal O Globo, fala sobre a questão e a quantidade de jornalistas e comunicadores que são assassinados pelo mundo, e o evento intertextual se dá na citação indireta quando a autora do texto cita o levantamento da quantidade de atos violentos contra esses profissionais feito pela “Abert”.

A citação indireta ocorre, segundo Koch e Elias (2009), quando se adapta ideias apresentadas em um texto fonte, isto é, quando é dito em outras palavras as ideias alheias. E as autoras explicam que esse tipo de intertextualidade requer muita responsabilidade de quem as fazem, pois é um tipo de “tradução” das palavras do texto fonte sem que ocorra qualquer alteração da ideia central desse texto.

Figura 39

The image shows a screenshot of a news article from O Globo. At the top, there is a blue navigation bar with the word 'OPINIÃO' and a dropdown arrow. Below this, the article title 'Imprensa sob ameaça' is displayed in a large, bold, black font. Underneath the title is the subtitle 'Crescimento da violência contra jornalistas é gritante'. The author's name 'POR RENATA GIL' and the date '09/06/2018 01:00' are on the left, while social media icons for Facebook, Twitter, Google+, and LinkedIn are on the right. The main text of the article is in a standard black font and discusses the increase in violence against journalists in Brazil.

MEDEIA

OPINIÃO ▾

## Imprensa sob ameaça

Crescimento da violência contra jornalistas é gritante

POR RENATA GIL  
09/06/2018 01:00

[f](#) [t](#) [g+](#) [in](#)

O ano de 2018 não chegou sequer à metade, e já são contabilizados 29 jornalistas e comunicadores assassinados mundo afora, em seu exercício profissional. No Brasil, desde janeiro, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) lista dois assassinatos de radialistas, 56 agressões em coberturas políticas e 32 episódios de violência física, atentado, ameaça ou processo judicial — foram 41 jornalistas assassinados no país desde 1992.

Em 2017, segundo levantamento da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), houve um homicídio e 82 registros de atos violentos contra profissionais de imprensa.

O crescimento da violência contra jornalistas no período de um ano é gritante e preocupa. Neste momento conturbado do país, em que o diálogo e a discussão sadia de divergências são trocados por desaforos, agressões e até tiros, a imprensa exerce a fundamental missão de ponderar lados conflitantes das grandes questões, apresentar a análise dos fatos, esclarecer os leitores, antever caminhos, clarear o que se tenta manter na penumbra.

**Fonte:** Artigo de opinião por Renata Gil, do Jornal O Globo

Já na figura 40, do mesmo artigo, percebe-se o recurso de autoridade, ou seja, a citação direta, marcado por aspas transcrevendo de forma literal a fala do ex-presidente do Supremo Tribunal Federal, Carlos Ayres Britto. A intertextualidade foi chamada de “recurso de autoridade” pelo fato de esta ser a função da citação direta, dar credibilidade ao que se está dizendo no texto.

Figura 40

Ao encerrar o seminário, Carlos Ayres Britto, ex-presidente do Supremo Tribunal Federal, apontou que a liberdade de imprensa é direito fundamental, protegido constitucionalmente de “interferências prévias”. Disse o sábio jurista que, primeiramente, vem a liberdade, depois “as consequências de um eventual excesso”, como o direito de resposta e as ações judiciais por calúnia e difamação. “Tudo claro, límpido, lógico, óbvio”, nas palavras dele.

**Fonte:** Artigo de opinião por Renata Gil, do Jornal O Globo

Na Figura 41, postado em 18\06\2018, por Guilherme Feliciano, no jornal O Globo, fala sobre a pretensão da reforma trabalhista em vetar a associação civil do seu direito de promover seus próprios estudos e debate.

A intertextualidade faz notar-se logo no título, qual faz uma alusão ao movimento da Vanguarda, que foi um movimento de vários setores como o social, político e artístico, e defendia a quebra do tradicionalismo, principalmente nas artes, ou seja, tinha uma ideia futurista. E a relação que o autor trouxe com o texto é uma forma de crítica, pelo fato dele dizer que essa pretensão do veto da associação civil é voltar ao século 18, contrariando a ideia da Vanguarda, que era prosseguir.

Figura 41

## A vanguarda do atraso

As pesquisas científicas evidenciam a necessidade de reverter a abordagem criminal à questão das drogas, da repressão, da coerção e do medo

Andrea Gallassi  
19/01/2018 - 00:00



Países que consideram evidências científicas e a proteção dos direitos humanos e das liberdades

**1º lugar em investimentos**

PUBLICIDADE



---

suas políticas públicas estão revendo o modelo de proibição das drogas e partindo para abordagens flexíveis, amparadas pela ciência e pela garantia de direitos. Almejam uma sociedade menos violenta, mais justa e menos desigual. Lamentavelmente, o Brasil está na contramão deste movimento: o endurecimento segue sendo a tônica de políticos quando o tema é drogas.

O GOVERNO  
QUE NÃO PARA,  
O GOVERNO  
QUE FAZ.

As pesquisas científicas evidenciam a necessidade de reverter a abordagem criminal à questão das drogas, da repressão, da coerção e do medo; a favor de uma que preze pelo cuidado, e não estigmatização das pessoas que usam drogas, seja de modo problemático ou não. A melhor abordagem é colocar estas substâncias sob controle do Estado, diminuindo o poder das organizações criminosas e de toda a sua cadeia

---

tratamento e prevenção. Esta é a aposta dos nove estados americanos e do Uruguai, que regularam toda a cadeia produtiva de maconha. Além disso, todos os países da América do Sul, com exceção de Brasil, Suriname e Guiana, descriminalizam o porte de todas as drogas para uso pessoal.

Por aqui, em que pesem as evidências, a vanguarda do atraso segue insistindo. Por exemplo, o projeto de lei de autoria de Osmar Terra (PLC 37/2013), atual ministro do Desenvolvimento Social, reúne um conjunto de propostas ultrapassadas, com foco na abstinência total, preferência pelo tratamento em instituições de longa permanência e manutenção da política criminal com aumento de penas e internações forçadas. Essas políticas não deram certo antes, causando mais danos do que evitaram.

Recentemente, no âmbito do SUS, também foram aprovadas mudanças questionáveis em nossa reconhecida política de saúde mental, como o

---

Recentemente, no âmbito do SUS, também foram aprovadas mudanças questionáveis em nossa reconhecida política de saúde mental, como o retorno do hospital psiquiátrico à rede de tratamento, ignorando o seu histórico de violação de direitos das pessoas com transtornos mentais. Passou-se ainda a considerar Comunidades Terapêuticas, entidades privadas de vocação religiosa, como parte da rede de atenção ao uso problemático de drogas, garantindo financiamento público para um tipo de isolamento social cujo sucesso não é amparado pela literatura.

Se não bastasse, recentemente, em 19 de dezembro, o ministro Osmar Terra apresentou no Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (Conad) uma proposta de “nova” política de drogas que diminui o investimento e o protagonismo de espaços de cuidado em liberdade, como é o caso dos Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas, da rede pública, e desprezando a redução de danos como estratégia terapêutica.

A resolução proposta pelo ministro Osmar Terra afirma que “a orientação central da política nacional sobre drogas deve considerar aspectos legais, culturais e científicos”, mas destaca: “em especial a posição majoritariamente contrária da população brasileira quanto a iniciativas de legalização das drogas”. A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), entidade com assento no Conad e que tem como principal objetivo a difusão da ciência no país, critica a atual condução da política de drogas do Brasil e o uso demagógico do apoio popular desinformado.

---

produzidas nos últimos anos, recrudescendo diretrizes malsucedidas que estão sendo abandonadas em âmbito internacional a favor de modelos que reposicionam os objetivos primordiais do Estado, como a promoção da saúde pública, da liberdade e dos direitos fundamentais. É nesta direção que precisamos caminhar.

*Andrea Gallassi é professora da Universidade de Brasília*

**Fonte:** Artigo de opinião por Guilherme Feliciano, por Jornal O Globo

As heterogeneidades enunciativas dos exemplos mostrados mostram que, em 39 ela ocorre de forma marcada pelo discurso indireto, sendo as palavras do outro transposta para as palavras do autor do texto; em 40, nota-se também a heterogeneidade de forma marcada, porém, pelo discurso direto, marcado através das aspas, que funcionam como demarcador de deslocamento do texto; e por fim, em 41, a heterogeneidade se apresenta de forma não marcada, caracterizada pelo uso da alusão, ou seja, pela implicitação do texto fonte qual o autor se baseou para a escrita do seu texto.

Em relação ao conteúdo temático desse gênero, com base no corpus analisado, pode se perceber que os artigos decorrem em temas ligados à política, economia, meio ambiente, ciência, entre outros. Na sua construção composicional, predomina a sequência argumentativa e o tipo descritivo, e o uso variado da 3ª pessoa e da forma impessoal. Entram em destaque o título, as vezes imagens, e sempre no fim dos artigos, a identificação do autor, e a sua

formação profissional. Já o estilo é marcado pelo aspecto formal. Seguem os exemplos a seguir nas Figuras 42 e 43:

Figura 42



---

Em nome de um país mais honesto, os brasileiros de bem apoiam firmemente o combate à corrupção. A nação vem sendo passada a limpo e vive um momento importante de sua história, enfrentando uma crise de natureza moral que atinge grande parcela dos homens públicos.

Pois é justamente nesse momento delicado, quando a imprensa confirma o seu protagonismo ao lado do Ministério Público, das polícias e do Judiciário, que a responsabilidade do jornalismo aumentada. Fatos criados e propalados sem os compromissos próprios do jornalismo podem comprometer ou colocar em risco o processo democrático.

Erros, é claro, ocorrem. Mas erros graves podem punir injustamente, e de maneira irreparável, homens públicos de bem, pessoas honestas que têm, no nome, o seu primeiro e maior patrimônio.

Esta **Folha** publicou, no dia 20 de maio, reportagem afirmando que o ex-governador Geraldo Alckmin teria recebido dinheiro —R\$ 5 milhões— da concessionária de estradas CCR para caixa dois de sua campanha ao Governo do Estado de São Paulo em 2010. Segundo o texto, tal fato constava de uma investigação a cargo do Ministério Público.

A defesa do ex-governador, depois de publicada a reportagem, obteve cópias integrais da tal investigação. Nela simplesmente não consta nenhuma referência, muito menos acusação, sobre Geraldo Alckmin. O fato, noticiado como verdadeiro, não existe. Não havia nem sequer menção indireta ao ex-governador.

Publicada às vésperas da sabatina Folha-UOL-SBT, essa reportagem fez com que, nessa entrevista, Geraldo Alckmin gastasse o tempo precioso destinado à divulgação de propostas apenas para se defender da falsa acusação.

Mais: a falsa notícia foi replicada em outros jornais e repercutiu nas TVs, nos sites de notícia e nas rádios —testemunho da credibilidade que esta **Folha** habitualmente tem. Uma simples busca no Google mostra a propagação da falsa notícia, assim como a sua inserção nociva no debate eleitoral.

A reportagem deu o inexistente como certo, e a **Folha** embarcou no erro jornalístico. Alertado, o jornalista buscou hipóteses futuras para justificar seu erro no presente.

**Fonte:** Artigo de opinião por Marcelo Martins, do jornal Folha de São Paulo

Figura 43

OPINIÃO

## Pedalada fiscal

Desde 2014, o Rio contabiliza como receita aplicada na saúde dívidas assumidas sem disponibilidade de caixa

POR DANIEL LIMA RIBEIRO  
@danielr1980

Estados e municípios são obrigados por lei a aplicar um piso mínimo de sua receita anual de impostos em saúde — 12% e 15%, respectivamente. Na prática, poucas unidades da Federação aplicam mais do que o piso. Em 2016, segundo o sistema de informação do Ministério da Saúde (Siops), somente 12 estados aplicaram mais do que 13%. Naquele ano, o Estado do Rio foi o que aplicou menos — sequer chegando ao percentual mínimo. O buraco, contudo, é bem mais fundo.

Há uma pedalada fiscal também na saúde. Não é de hoje, e não é apenas no Estado do Rio. A Lei Complementar nº 141 regulamenta o que pode ser considerado como receita aplicada em saúde, para fins do cálculo do mínimo. Além de despesas pagas, também permite que sejam consideradas as que foram assumidas mas não pagas até o final do exercício fiscal (os restos a pagar) — desde que haja disponibilidades de caixa para pagamento. Esse último “detalhe” é que tem sido desconsiderado pelo governo do estado.

Ao menos desde 2014, o Rio vem contabilizando como receita aplicada dívidas assumidas sem disponibilidades de caixa. Ou seja, dívidas que são “roladas” para frente, sem previsão alguma de pagamento. Cria-se, assim, uma falsa aparência de cumprimento da regra do mínimo. Sem a manobra, o real percentual nos últimos anos surge como bem inferior a 12% e cada vez menor: 10,82%, em 2014; 8,81%, em 2015; 5,76%, em 2016; 5,10%, em 2017.

**Fonte:** Artigo de opinião por Daniel Lima Ribeiro, do Jornal O Globo

No que cerne o conteúdo temático, observa-se que os dois textos abordam sobre temas atuais e até mesmo polêmicas. No texto 42, o assunto abordado é as falsas notícias circuladas pela mídia sobre o ex-governador Geraldo Alckmin ter recebido dinheiro para a sua campanha de governo do Estado de São Paulo em 2010. Já no texto 43, o assunto versa sobre pedalada fiscal na área da saúde. Em relação ao estilo, percebe-se que ambos os textos se utilizam do

aspecto formal, já que se trata de um texto na área jornalística, e essa requer desse aspecto. No que tange a construção composicional, nota-se também que ambas são marcadas pela sequência descritiva e argumentativa em sua organização. Comprova-se a argumentação em 42 “Esta Folha publicou, no dia 20 de maio, reportagem afirmando que o ex-governador Geraldo Alckmin teria recebido dinheiro —R\$ 5 milhões— da concessionária de estradas CCR para caixa dois de sua campanha ao Governo do Estado de São Paulo em 2010. Segundo o texto, tal fato constava de uma investigação a cargo do Ministério Público.” Em 43 “A Lei Complementar nº 141 regulamenta o que pode ser considerado como receita aplicada em saúde, para fins do cálculo do mínimo. Além de despesas pagas, também permite que sejam consideradas as que foram assumidas, mas não pagas até o final do exercício fiscal (os restos a pagar) — desde que haja disponibilidades de caixa para pagamento. Esse último “detalhe” é que tem sido desconsiderado pelo governo do estado.” Comprova a sequência descritiva em 42 “A nação vem sendo passada a limpo e vive um momento importante de sua história, enfrentando uma crise de natureza moral que atinge grande parcela dos homens públicos.” Em 43 “Estados e municípios são obrigados por lei a aplicar um piso mínimo de sua receita anual de impostos em saúde — 12% e 15%, respectivamente. Na prática, poucas unidades da Federação aplicam mais do que o piso.”

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria bakhtiniana sobre dialogismo postula que nenhum discurso era puro, era originado em si mesmo, mas que era influenciado por discursos passados. Se apropriando dessa ideia, Kristeva (1974) postulou o termo intertextualidade, que entende que todo texto é heterogêneo, composto a partir de textos outros produzidos anteriormente. Desta forma, esse fenômeno é um dos fatores responsáveis pela constituição textual, entendendo que, sem a sua presença, não há texto.

Portanto, com base nesses pressupostos, a presente monografia teve como proposta investigar as manifestações do fenômeno da intertextualidade nos gêneros digitais jornalísticos, especificamente o tweet, a enquete, o artigo de opinião e o blog, buscando perceber, a partir de suas principais características, como se manifesta a intertextualidade. E através desses gêneros, buscar perceber qual a relação a intertextualidade possui com a materialidade discursiva do hipertexto através dos seus links e nós.

Dessa forma, com base na análise do corpus, foi observado que no twitter jornalístico, a manifestação intertextual deu-se com maior frequência pelas formas explícitas, ou seja, com a explicitação da fonte do intertexto (texto-fonte); de uma forma geral, foi observado também que, dentre as formas explícitas, a frequência maior foi a de citações diretas e das citações indiretas. Porém, houve algumas diferenças entre os dois jornais investigados (Jornal o Globo e o Folha de São Paulo) no que diz respeito às formas que essas intertextualidades ocorrem, pois nos tweets do Jornal O Globo foi percebido uma maior frequência das citações diretas; já nos tweets do jornal Folha de São Paulo houve uma maior frequência de citações indiretas/paráfrases.

Nos blogs jornalísticos, a intertextualidade também se manifestou com uma maior frequência pelas formas explícitas; também a maior frequência foi das citações diretas e indiretas, porém, apesar de não conter na análise, houve também algumas manifestações de intertextualidade através das referências.

Já nas enquetes, a manifestação da intertextualidade se deu com maior frequência das formas explícitas, tendo a maior ocorrência de citações indiretas, citações diretas e referências.

Nos artigos de opinião, a frequência maior da intertextualidade também foi pelas formas explícitas; sendo a citação direta e indireta as maiores ocorrentes. Porém, assim como ocorreu com o blog, foi notado também uma certa frequência de intertextualidade pelas referências e alusões.

Com base nos resultados, observou-se dessa maneira que dentre os quatro gêneros investigados, três, ou seja, a maioria, teve as maiores ocorrências de formas explícitas. Essa ocorrência justifica-se pelo fato de se tratar de textos jornalísticos, no caso, notícias, pois as publicações desse meio precisam ter uma grande credibilidade do público que alcançam. E, como visto na referida pesquisa, para que essa credibilidade ocorra, é necessário que as publicações tenham uma explicitação da fonte, principalmente pelo uso das citações diretas, que funcionam com recursos de autoridade, pois além de transcrever o que foi dito, cita quem disse, dessa forma, comprovando o relato do produtor textual e o isentando de qualquer responsabilidade posterior à notícia.

Portanto, ao se voltar para as hipóteses da pesquisa, mencionadas no capítulo introdutório, nota-se que a maioria foram confirmadas, excetuando-se o twitter, pois, como o tamanho dos seus posts são limitados, achou-se que a intertextualidade ocorreria com maior frequência através das formas implícitas, o que não ocorreu, já que notou-se a maior ocorrência de citações diretas e indiretas, ou seja, pelas formas explícitas.

Dessa forma, pode-se perceber que a intertextualidade é de extrema importância para qualquer construção textual, sobretudo, as produções jornalísticas, pois esta atuará modificando e/ou construindo os novos sentidos textuais a partir de um outro texto e ainda enriquecendo o discurso do produtor textual, garantindo que os leitores compreendam as suas ideias propostas. E assim, a presente pesquisa, apesar de não fazer relação com a educação de forma específica, a mesma torna-se bastante útil nas salas de aula, especificamente as de Língua Portuguesa, já que a intertextualidade costuma aparecer, como visto, de forma mais explícita nos textos desse domínio digital, facilitando assim, o entendimento dos alunos em relação ao fenômeno.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rosental Calmon. Jornalismo digital: Dez anos de web... e a revolução continua. **Comunicação e sociedade**, v. 9, p. 93-102, 2006.

ARAÚJO, Artur Vasconcellos. A notícia que é notícia: o blog jornalístico. 2005.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)**. Trad. Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. In *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas-SP: UNICAMP, IEL, n° 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.

\_\_\_\_\_. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: \_\_\_\_\_. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. P. 11-80.

BEAUGRANDE, R., DRESSLER, W. U. **Einführung in die Textlinguistik**. Tübingen: Niemeyer, 1981.

BENTES, Anna Cristina. *Linguística Textual*. In: BENTES, Anna Cristina; MUSSALIM, Fernanda (Org.) **Introdução à linguística**. São Paulo: Cortez, 2003, 259- 301

BERTOCCHI, Daniela. **Gêneros jornalísticos em espaços digitais**. In: SOPCOM, 2005

BEZERRA, Paulo. Uma obra à prova do tempo. Prefácio. **BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. Tradução Paulo Bezerra**, v. 5, p. 10-22.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães, BRITO, Mariza Angélica, ZAVAN, Aurea. **Linguística textual e ensino**. São Paulo: Editora Contexto, 2017

CRYSTAL, David. **Revolução da linguagem**. Zahar, 2005.

DALMASO, Silvana Copetti. Linkagem e intertextualidade. Os links no blog Luis Nassif online e caso da bolinha de papel. In: **XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul–Londrina, Brasil**. 2011

DOS SANTOS, Eliane Pereira. **A intertextualidade na construção argumentativa do artigo de opinião**. v. 2, n. 1, p. 300-314, 2013.

- FÁVERO, Leonor Lopes. **Linguística textual: introdução** / Leonor Lopes Fávero, Ingedore Grunfeld Vilaça Koch. – 10. Ed. – São Paulo: Cortez, 2012.
- FERRAZ, Flávia Sílvia Machado. **Gêneros digitais e a hipertextualidade**. Revista do GEL, v. 7, n. 1, p. 127-144, 2010.
- FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2004.
- FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, p. 161-193, 2006.
- HEINE, Lícia Bahia. *O texto em discussão: reflexões sobre uma nova fase da linguística textual*. In:\_\_\_\_\_ **Inquietações do texto e do discurso**. –Salvador: EDUFBA, 2018.
- KOCH, Ingedore Vilaça & Vanda Maria ELIAS. 2009. **Ler e escrever. Estratégias de produção textual**. São Paulo: Editora Contexto.
- KOCH, Ingedore Vilaça & Vanda Maria ELIAS. 2009. **Ler e compreender. Estratégias de produção textual**. São Paulo: Editora Contexto. 75-100 p.
- KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: Diálogos Possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007. 166 p
- KOHLRAUSCH, Luciana Portella et al. **A heterogeneidade, linguagem e feminino: uma abordagem lingüística e psicanalítica acerca do feminino em textos de Clarice Lispector**. 2009.
- KRISTEVA, Júlia. A palavra, o diálogo e o romance. **Introdução à semiótica**, p. 207-34, 1974.
- LÉ, Jaqueline Barreto. **Referenciação e Gêneros Jornalísticos: Sistemas cognitivos em jornal impresso e jornal digital**. Rio de Janeiro, 2012
- MACHADO, Irene. Digitalização. Linguagem. Discurso. As Mediações Dialógicas Possíveis. **Lumina. Juiz de Fora: Facom/UFJF**, v. 4, n. 2, p. 19-48, 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. A questão do suporte dos gêneros textuais. **DLCV: Língua, lingüística e literatura, João Pessoa**, v. 1, n. 1, p. 9-40, 2003.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. São Paulo: Cortez, 2010

MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. In: **Revista Symposium**. 2001. p. 45-55.

ORMUNDO, Joana. Comunicação mediada pelo computador: blog-gênero discursivo emergente. **Cadernos de linguagem e sociedade**, v. 7, p. 67-82, 2004.

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**, v. 2, p. 311-319, 1990.

ROTH, Désirée Motta; SCHERER, Anelise Scotti. Expansão e contração dialógica na mídia: intertextualidade entre ciência, educação e jornalismo. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 28, n. 3, 2012.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos: proposta de novos critérios de classificação**, p. 1-463, 2009.

UBER, Terezinha de Jesus Bauer. Artigo de opinião: estudos sobre um gênero discursivo. **Maringá: Universidade Estadual de Maringá**, p. 255-4, 2008.